

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Da Vinculação à Psicopatia

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Inês da Silva Fernandez

Orientadores:

Professora Doutora Alice Margarida Simões

Professor Doutor Francisco Cardoso



Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Da Vinculação à Psicopatia

Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica

Inês da Silva Fernandez

Orientadores:

Professora Doutora Alice Margarida Simões

Professor Doutor Francisco Cardoso

Composição do júri:

DECLARAÇÃO

Nome

B.I./C.C./ Passaporte

Telemóvel

Correio electrónico

Título da dissertação de mestrado ☐ / tese de doutoramento ☐

Orientador(es)

Ano conclusão

Designação do Mestrado ou do Ramo de Conhecimento do Doutoramento:

Declaro sobre compromisso de honra que a tese ou dissertação agora entregue corresponde à que foi aprovada pelo júri constituído pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD).

Declaro que concedo à UTAD uma licença não-exclusiva para arquivar e tornar acessível, nomeadamente através do seu repositório institucional, nas condições abaixo indicadas, a minha tese ou dissertação em suporte digital, sendo a autorização concedida a título gratuito.

Declaro que, ao enviar o material em suporte impresso, autorizo a UTAD a digitalizar o exemplar da minha tese ou dissertação, que remeto em anexo, ou o exemplar que possui nas suas bibliotecas.

Declaro que autorizo a UTAD a arquivar mais de uma cópia da tese ou dissertação e a converter, sem alterar o seu conteúdo, a tese ou dissertação entregue, para qualquer formato de ficheiro, meio ou suporte, para efeitos de preservação e acesso.

Retenho todos os direitos de autor relativos à tese ou dissertação, e o direito de a usar em trabalhos futuros (como artigos ou livros).

Concordo que a minha tese ou dissertação seja colocada no repositório da UTAD com o seguinte estatuto (assinale um):

1. ☐ Disponibilização imediata do conjunto do trabalho para acesso mundial;
2. Disponibilização do conjunto do trabalho para acesso exclusivo na UTAD durante o período de ☐ 1 ano ou ☐ 2 anos, sendo que após o tempo assinalado autorizo o acesso mundial.
3. ☐ Disponibilização do conjunto do trabalho para acesso exclusivo na UTAD.

Vila Real, __/__/____

Assinatura: _____

*Dedico esta dissertação aos
meus pais, familiares, namorado e amigos
pelo apoio, força, incentivo e
amizade. Sem eles nada disto seria possível!
Agradeço ainda à minha avó, que apesar de já não
estar entre nós, é o meu anjo da guarda
Amo-vos*

Agradecimentos

Ao Magnífico Reitor da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – UTAD

Ao Presidente da Escola de Ciências Humanas e Sociais da UTAD

Ao Diretor de Departamento de Educação e Psicologia

À Direção de curso de Psicologia

Aos presidentes das escolas secundárias e profissionais, professores, pais e alunos que se disponibilizaram e tornaram possível a recolha de dados

Quero fazer um mais profundo agradecimento à Professora Doutora Alice Margarida Simões e ao Professor Doutor Francisco Cardoso, por quem tenho o maior respeito e admiração, por todo o conhecimento que partilharam comigo enquanto professores na universidade assim como meus orientadores. Saliento o seu empenho, entrega, exigência, persistência e recetividade para partilhar e apoiar opiniões com o intuito de me ajudar a desempenhar um bom trabalho.

Agradeço infinitamente aos meus pais que sempre acreditaram nos meus potenciais, e não me deixaram desistir. Obrigada pelo amor incondicional!

Um agradecimento especial a todos os meus familiares por terem sempre uma palavra de força e incentivo.

Ao meu namorado por ter estado sempre ao meu lado e por me fazer acreditar nas minhas capacidades. Obrigada pelo companheirismo, amizade, paciência, compreensão e apoio.

Um muito obrigado a todos os meus amigos pelo apoio, força e por me valorizarem tanto como pessoa. Obrigada pela amizade!

Ninguém vence sozinho...OBRIGADA A TODOS!

Resumo

A presente dissertação tem como objetivo analisar a possibilidade de identificar traços psicopáticos em jovens adolescentes, em oposição daquilo que as correntes teóricas expõem, afirmando que se trata de um transtorno de personalidade do indivíduo adulto.

Por outro lado, a parte principal desta investigação baseia-se na teoria da vinculação, pelo que se pretende sustentar que os padrões de vinculação criados com os pais podem levar ao desenvolvimento de traços de psicopatia na fase da adolescência.

Assim, os padrões de vinculação avaliados foram a *confiança*, a *comunicação* e a *atenção/alienação*, através do inventário de vinculação aos pais e amigos – IPPA3. Por sua vez, os traços de psicopatia foram analisados pela versão adaptada do inventário de psicopatia para adolescentes – YPI.

O estudo foi efetuado numa amostra de 428 adolescentes, com idades compreendidas entre os 12 e 17 anos ($M = 14,68$), que frequentam duas escolas de ensino regular e duas escolas de ensino profissional.

As hipóteses determinaram que uma má qualidade dos padrões de vinculação pode levar ao desenvolvimento de traços psicopáticos, havendo contributos distintos de acordo com a vinculação à mãe e ao pai.

Os principais resultados confirmaram que os padrões *confiança* e *atenção* contribuem de forma negativa e o padrão *comunicação* contribui de forma positiva para o desenvolvimento de traços psicopáticos. Portanto, enquanto que os padrões *confiança* e *atenção* indicam uma influência protetora da psicopatia, o padrão *comunicação* aparece como um fator favorável, facto este só compreendido se for relacionada com uma comunicação disfuncional com a figura paterna. Por sua vez, também é possível verificar que o nível de *confiança* em relação à figura materna se apresenta como um fator favorável para o desenvolvimento de traços de psicopatia. Por outro lado, os níveis *comunicação* e *atenção* indicam uma influência protetora no caso da mãe.

Palavras-chave

Padrões de vinculação, psicopatia, adolescência

Abstract

This thesis is meant to examine the possibility of identifying psychopathic traits in young adolescents, as opposed what the theoretical currents exhibit, stating that it is a personality disorder the individual adult.

On the other hand, the main part of this research is based on attachment theory, so if you want to maintain that attachment patterns created with parents can lead to the development of psychopathic traits in adolescence.

Thus, the attachment patterns that were evaluated are *trust*, *communication* and attention/alienation through the Inventory of Parents and Peers of Attachment – IPPA3. In turn, the traits of psychopathy were analyzed by the adapted version of the inventory of psychopathy for adolescence – YPI.

The study was conducted on a sample of 428 teenagers, aged between 12 and 17 years ($M = 14,68$),

The study was conducted on a sample of 428 adolescents, aged between 12 and 17 years ($M = 14,68$), who attended different kinds of schools: two of them belonging to the system of education and other two related to professional courses.

The hypotheses determined that a poor quality of patterns attachment can lead to the development of psychopathic traits, with distinct contributions in accordance with the vinculation to the mother and father.

The main results confirmed that the standards *trust* and *attention* contribute negatively and standard *communication* contributes positively to the development of psychopathic traits. Thus, while the *trust* and *attention* patterns indicate a protective influence of psychopathy, the standard *communication* appears as a favorable factor, because this is only realized if the *communication* is related to dysfunctional father figure. In turn, it is also possible to verify that the level of trust in relation to the maternal figure is presented as a favorable factor for the development of traits of psychopathy. Moreover, the communication and attention levels indicate a protective influence in the case of mother.

Key-Words

Vinculation patterns, psychopathy, adolescence

Índice

Dedicatória.....	V
Agradecimentos.....	VII
Resumo.....	IX
Palavras-chave.....	IX
Abstract.....	XI
Key-words.....	XI
Índice.....	XIII
Lista de figuras.....	XV
Lista de tabelas.....	XVII
Lista de quadros.....	XIX
Parte I.....	1
Introdução.....	2
Capítulo I Psicopatia: sua história e evolução.....	7
1.1. Psicopatia: contextualização histórica e principais autores.....	8
1.2. Estudos sobre psicopatia.....	16
1.3. Escalas que medem a psicopatia.....	17
Capítulo II A psicopatia na adolescência.....	23
2.1. Existe psicopatia na adolescência?.....	24
Capítulo III Da vinculação à psicopatia.....	29
3.1. Teoria da vinculação e estilos parentais.....	30
3.2. Vinculação e psicopatia.....	36
3.3. Estudos sobre vinculação.....	38
3.4. Escalas que medem a vinculação.....	40
Parte II.....	43
Introdução.....	44
Principal objetivo.....	45
Objetivos específicos.....	45
Variáveis em estudo.....	45
Hipóteses.....	46
Metodologia geral.....	46
Instrumentos utilizados.....	46

Avaliação dos traços de psicopatia.....	46
Avaliação dos padrões de vinculação.....	47
Procedimento.....	49
Sujeitos.....	50
Procedimentos estatísticos.....	50
1. Estudo descritivo da amostra.....	50
2. Análise da fidedignidade dos resultados do IPPA3 mãe e IPPA3 pai.....	56
2.1. Análise da fidedignidade dos resultados do YPI.....	57
Resultados.....	58
1. Análise da média, desvio-padrão e coeficiente de variação das dimensões IPPA3 mãe e IPPA3 pai.....	58
1.1. Análise da média, desvio-padrão e coeficiente de variação das superdimensões e dimensões do YPI.....	59
2. Correlações bivariadas entre o YPI e o IPPA3 mãe.....	60
2.1. Correlações bivariadas entre o YPI e o IPPA3 pai.....	61
3. Contributo da qualidade de vinculação entre pais e filhos para o YPI total.....	62
3.1. Contributo da qualidade de vinculação entre pais e filhos para o YPI grandioso/manipulativo.....	63
3.2. Contributo da qualidade de vinculação entre pais e filhos para o YPI frio e não emocional.....	64
3.3. Contributo da qualidade de vinculação entre pais e filhos para o YPI impulsivo e falta de sentido de responsabilidade	66
4. Pressupostos dos modelos de regressão linear.....	67
Discussão geral e conclusão.....	68
Bibliografia.....	73
Anexos.....	79

Lista de figuras

Figura 1. Distribuição de frequências das idades (n=428).....	51
Figura 2. Distribuição quanto ao género (n=422).....	51
Figura 3. Distribuição de frequências dos anos de escolaridade (n=409).....	52
Figura 4. Distribuição quanto ao rendimento escolar (n=414).....	52
Figura 5. Distribuição da frequência de reprovações entre os que reprovam pelo menos uma vez (n=158).....	53
Figura 6. Distribuição de frequências quanto ao comportamento escolar (n=428)...	53
Figura 7. Distribuição de frequências quanto ao estado civil dos pais (n=422).....	54
Figura 8. Distribuição de frequências quanto às pessoas com quem reside (n=428)	54

Lista de Tabelas

Tabela 1. Valores de fidedignidade dada pelo Alfa de Cronbach, relativos aos subinventários do IPPA3.....	57
Tabela 2. Valores de fidedignidade dada pelo Alfa de Cronbach, relativos à escala YPI Total, às suas dimensões e superdimensões.....	58
Tabela 3. Análise da média, desvio-padrão e coeficiente de variação do Inventário IPPA3 mãe e IPPA3 pai.....	59
Tabela 4. Análise da média, desvio-padrão e coeficiente de variação das superdimensões do YPI.....	60
Tabela 5. Valores de correlação bivariada entre YPI e IPPA3 mãe.....	61
Tabela 6. Valores de correlação bivariada entre YPI e IPPA3 pai.....	62
Tabela 7. Análise de regressão múltipla para a variável YPI Total predito a partir dos fatores do IPPA3 mãe e IPPA3 pai.....	63
Tabela 8. Análise de regressão múltipla para a variável YPI grandioso/manipulativo predito a partir dos fatores do IPPA3 mãe e IPPA3 pai.....	64
Tabela 9. Análise de regressão múltipla para a variável YPI frio e não emocional predito a partir dos fatores IPPA3 mãe e IPPA3 pai.....	65
Tabela 10. Análise de regressão múltipla para a variável YPI impulsivo e falta de sentido de responsabilidade predito a partir dos fatores IPPA3 mãe e IPPA3 pai.....	66

Lista de Quadros

Quadro 1. Estrutura fatorial adaptada do YPI.....	47
Quadro 2. Estrutura fatorial adaptada do IPPA3.....	49

Parte I

*“Quando alguém encontra o seu caminho
tem que ter coragem suficiente para dar passos errados.
As decepções, as derrotas, o desânimo
são ferramentas que Deus utiliza para mostrar a estrada”*

Paulo Coelho

Introdução

O tema da presente dissertação é a relação entre vinculação e a psicopatia, cujo principal objetivo é mostrar que na fase da adolescência podem ser identificados traços de psicopatia. Por outro lado, pretende-se relacionar os padrões de vinculação estabelecidos com os pais e pares com o desenvolvimento de psicopatia na adolescência.

Esta dissertação trata-se de uma réplica do estudo realizado por Simões (2011) na sua tese de doutoramento. Uma vez que o estudo desta teve uma amostra pouco densa, nesta investigação pretende-se ultrapassar esse entrave utilizando uma amostra mais alargada. Para além de uma amostra mais densificada, este estudo também pretende abranger distritos distintos quanto à recolha de dados.

Etimologicamente, psicopatia deriva do grego: *psyché* = alma; *pathos* = paixão, sofrimento (Henriques, 2009).

O termo psicopatia significa “psiquicamente doente”, sendo usado durante o século XIX, para nomear de forma genérica toda a doença mental. Posteriormente, esta perturbação passou a ser a denominação dada a um transtorno particular, encaixado no âmbito de um registo comportamental concreto, e que foi identificado por vários autores (Cordeiro, 2003; cit. por Nunes, 2011).

Na literatura refere-se que Koch (1891) usou pela primeira vez o termo “psicopático” na sua obra *As Inferioridade Psicopáticas* (Henriques, 2009).

Mais de 100 anos separam os conceitos originais de psicopatia descritos por Pinel na sua obra *Tratado Médico-Filosófico Sobre a Alienação Mental ou a Mania*, e os descritos por Cleckley na obra *A Máscara da Sanidade*. Após o século XX, este termo sofreu várias releituras com o uso constante dos manuais de diagnósticos, sobretudo o DSM-IV-TR (Associação Psiquiátrica Americana-APA, 2002; cit. por Ronchetti, Davoglio, Silva, Vasconcellos, & Gauer, 2010).

Os conceitos de psicopatia têm vindo a ser banalizados pelas pessoas, através de termos como *louco* ou *criminosos*, o que faz com que seja fundamental criar uma definição deste transtorno, mesmo para facilitar a investigação, o diagnóstico, a avaliação, a intervenção e a replicabilidade dos resultados (Gonçalves, 1998; cit. por Lobo, 2007).

Na contemporaneidade, este transtorno é visto como um conjunto de traços ou modificações do comportamento em indivíduos com tendências para a delinquência juvenil, necessidade de estimulação, uma vez que apresentam uma grande tendência para o tédio, descontrolos comportamentais, ou seja, um psicopata mostra-se afável, sedutor, carinhoso, podendo de um momento para o outro tornar-se agressivo e reincidir criminalmente. A psicopatia é uma grave mudança de personalidade, pois os sujeitos caracterizados por essa perturbação são autores da maioria dos crimes violentos (Ambiel, 2006).

Esta perturbação refere-se a um estado mental patológico que se caracteriza por uma série de desvios, sobretudo relacionados com o comportamento. Estes desvios vão-se organizando desde a infância. Desta forma, alguns dos sintomas, podem verificar-se nesta fase ou mesmo na adolescência, através de condutas agressivas (APA, 2002; Kaplan, Sadock, & Grebb, 2003; cit. por Gomes & Almeida, 2010).

Assim, há uma variedade de características emocionais e interpessoais que descrevem clinicamente a personalidade psicopática, tais como, uma enorme capacidade para mentir, manipular e dissimular, falta de empatia, preocupação com as outras pessoas, afeto superficial, ausência de remorsos, e uma evidente grandiosidade egocêntrica (Russel & Stanley, 2003; cit. por Lobo, 2007).

No que concerne aos fatores etiológicos, estes dividem-se em três grupos, nomeadamente, a causalidade genética, orgânica e psicossocial (Gonçalves, 1999; Marques-Teixeira, 2000; Hodgins, 2006; cit. por Lobo, 2007).

Relativamente ao género, a psicopatia expõe algumas particularidades, uma vez que existem diferenças no que diz respeito à prevalência, incidência, curso, comportamentos e idade de manifestação entre os sexos. Os primeiros sintomas, no sexo feminino, normalmente surgem ao longo do período da pré-puberdade, e no sexo masculino ainda antes desta fase (Kaplan, Sadock, & Grebb, 2003; cit. por Gomes & Almeida, 2010).

A prevalência e incidência de mulheres psicopatas são mais reduzidas que a dos homens, havendo menos de metade de mulheres com esta patologia (Dolan; Vollm, 2009; cit. por Gomes & Almeida, 2010).

Warren e colaboradores afirmam que a distinção em relação ao género surge na forma e na severidade da violência exercida por homens ou mulheres, apresentando estas índices mais reduzidos de crimes violentos. Esta diferença pode estar relacionada com o facto de que os homens manifestam uma maior insensibilidade

emocional em relação às mulheres. Os atos violentos cometidos pelas mulheres estão ligados ao consumo de drogas e álcool (Dembo et al., 2007; Dolan; Doyle, 2007; cit. por Gomes & Almeida, 2010).

A socialização, sendo uma tarefa importante do contexto familiar, procura introduzir as crianças num meio social mais amplo do que a família, ajudando-a na criação de padrões de conduta aceites na sociedade. Ao longo de toda a infância os progenitores tentam orientar as condutas dos seus filhos, com o intuito de estes seguirem determinados princípios morais e obterem comportamentos que conduzam à autonomia e responsabilidade (Alvarenga, 2000; Baumrind, 1997; Musitu & Cava, 2001; cit. por Pacheco, Silveira, & Schneider, 2008).

As crianças que apresentam competências sociais têm tendência a ser hábeis em perceber as regras sociais na interação com os adultos e os pares e a regular as suas próprias emoções, sobretudo as negativas (Kliewer, 1991; cit. por Marin, Piccinini, Gonçalves, & Tudge, 2012).

Desta forma, o termo de competência social implica uma variedade de capacidades, das quais fazem parte a empatia, o altruísmo, a assertividade, a cooperação, a responsabilidade e o autocontrolo (Crockenber & Littman, 1990; cit. por Marin, Piccinini, Gonçalves, & Tudge, 2012).

Apesar de que a influência dos pares na conduta da criança seja relevante, a interação entre pais-filhos tem sido reconhecida como o fator principal relacionado com o desenvolvimento das competências sociais das crianças (Crockenberg & Littman, 1990; Dumas & LaFreniere, 1993; Hart, DeWolf, Wozniak, & Burts, 1992; cit. por Marin, Piccinini, Gonçalves, & Tudge, 2012).

Isto acontece porque uma relação afetiva ajustada entre pais-filhos, determinada por relações prazerosas na convivência, pela disponibilidade mútua e pelo respeito aos direitos por ambas as partes, é considerada como imprescindível, tanto para o processo de socialização da criança como para favorecer o desenvolvimento da sua personalidade (Oliveira, Rabuske, & Arpini, 2007; cit. por Marin, Piccinini, Gonçalves, & Tudge, 2012).

As práticas educativas referem-se a um conjunto de comportamentos usados pelos progenitores na sua ação educativa, que pretendem alcançar certas finalidades. Dizem respeito a estratégias, técnicas e métodos que os pais utilizam (Darling & Steinberg, 1993; cit. por Marques, 2010).

A relação entre a parentalidade e as consequências do desenvolvimento tem sido bastante contestada. As práticas parentais afetam a conduta e o desenvolvimento da criança, tanto na aquisição de competências pró-sociais como no surgimento das dificuldades de ajustamento psicossocial (Kotchick & Forehand, 2002; cit. por Marques, 2010).

Portanto, os problemas emocionais e comportamentais da criança podem transmitir entraves na relação pais-filhos. Estes problemas encontram-se associados a um estilo parental caracterizado pelo negativismo, frieza, punição, raiva, desapego, rejeição, altos níveis de desobediência, temperamento difícil e agressivo. Também se podem relacionar estes entraves a uma relação de vinculação insegura (Campbell, 2008; cit. por Marques, 2010).

O stress encontrado no contexto familiar ligado à ausência de recursos económicos, também conduz a estratégias educativas desajustadas (Gaspar, 2003; cit. por Marques, 2010).

Face ao exposto, a presente dissertação divide-se em duas partes, nomeadamente, na parte I e na parte II.

A parte I é composta pelos capítulos I, II e III. No capítulo I será feita uma contextualização histórica e serão referidos os principais autores da psicopatia. Na primeira parte também serão abordados alguns estudos sobre este tema bem como algumas escalas que medem a psicopatia. O segundo capítulo é reservado para a temática da psicopatia na adolescência. Por sua vez, no capítulo III, será mencionada a teoria da vinculação bem como os estilos parentais. Neste mesmo capítulo será feita uma relação entre a psicopatia e a vinculação. Por último, no capítulo III, também serão abordados alguns estudos e escalas que medem a vinculação.

A parte II é reservada para todo o procedimento estatístico, desde a descrição da recolha dos dados até aos resultados e a discussão.

Capítulo I

A Psicopatia: sua história e evolução

“Ninguém é igual a ninguém.

Todo o ser humano é um estranho ímpar”.

Carlos Drummond de Andrade

A psicopatia é das perturbações da personalidade mais estudadas, uma vez que os comportamentos associados a esta perturbação possuem um impacto negativo na comunidade, especificamente a manifestação de comportamentos criminosos (Soeiro & Gonçalves, 2010).

De uma forma genérica, considera-se que existem várias definições de psicopatia. A utilização deste termo é influenciada por diversos aspetos, nomeadamente, o país, a legislação e a tradição científica (Soeiro & Gonçalves, 2010).

As descrições mais duradouras e influentes da psicopatia em adultos vêm de vários autores, incluindo, Cleckley, Hare e McCord e McCord (Kotler & McMahon, 2005).

Segundo Soeiro (2006; cit por Soeiro & Gonçalves, 2010), a evolução da definição de psicopatia pode ser dividida em dois momentos centrais, que são marcados pelo trabalho desenvolvido por Cleckley e pela classificação, em 1952, das perturbações mentais efetuada pela Associação Americana de Psiquiatria (APA).

A psicopatia é uma perturbação mental que é difícil de ser compreendida, uma vez que apresenta características que não são de fácil diagnóstico. O termo psicopatia deve-se à escola psiquiátrica alemã, com a introdução deste termo propriamente dito. Koch em 1988 introduziu o termo de inferioridade psicopática (Shine, 2005; cit. por Souza, 2010).

Gonçalves (1999; cit por Soeiro & Gonçalves, 2010) refere que este autor alemão definiu o termo inferioridade psicopática como uma anomalia de carácter, que se deve sobretudo a aspetos congénitos e a aspetos que resultam de doença psíquica.

1.1. Psicopatia: Contextualização histórica e principais autores

O termo psicopatia é usado há mais de 100 anos. Embora fosse originalmente usado para designar todas as perturbações mentais, nos últimos 50 anos tem sido usado num sentido mais restrito. A descrição de indivíduos psicopatas de Cleckley foi provavelmente a mais rica. Pode-se considerar a psicopatia uma desordem de personalidade. A psicopatia é um impulso de risco que envolve uma variedade de atividades criminosas. A nível interpessoal, o indivíduo psicopata tem sido descrito como grandioso, egocêntrico, manipulador, forte e de coração frio. A nível afetivo, o psicopata apresenta poucas ou nenhuma emoções, é incapaz de manter relações

afetivas, não tem empatia uma vez que é insensível perante os outros, apresenta ainda ausência de ansiedade e remorsos. Tendo em conta esta descrição, o psicopata coloca em risco a sociedade. O criminoso psicopata está entre os infratores mais violentos e versáteis (Lynam, & Gudonis, 2005).

As características dominantes da psicopatia delineadas nos anos 50 são semelhantes às atuais, englobando, assim, sintomas interpessoais (encanto superficial), afetivos (falta de remorsos) e comportamentais (procura de sensações). As perspetivas etiológicas variam de autor para autor, no entanto, a maioria enfatiza o ambiente biológico (Karpman, 1950; cit por Salekin & Frick, 2005).

Inicialmente, o conceito desta perturbação desenvolveu-se através de diversas pesquisas nos sujeitos que manifestavam comportamentos irracionais e impróprios. Estas condutas foram designadas por Pinel como *manie sans delire* (Souza, 2010).

Este autor introduziu este conceito para referir-se aos sujeitos que revelam atitudes atípicas e agressivas (Cantero, 1993; cit por Soeiro & Gonçalves, 2010).

Dominique Esquirol usou o termo *monomania* para designar alguns aspetos do comportamento (Shine, 2000; cit. por Souza, 2010).

Por sua vez, Bebedict Augustin Morel usou a ideia da herança degenerativa. Este acreditava que fatores externos, nomeadamente o álcool e drogas proporcionam uma predisposição ao sujeito à degeneração (Shine, 2000; cit. por Souza, 2010).

Já Valentim Magnan usou a ideia do desequilíbrio mental, uma vez que acreditava na falta de coordenação entre vários centros nervosos (Shine, 2000; cit. por Souza, 2010).

Pritchard, um psiquiatra inglês, usou em 1835, o termo de insanidade moral para referenciar indivíduos com condutas pervertidas e indicadores de comportamento antissocial. Este autor foi pioneiro relativamente à atribuição desta perturbação a influências do meio, propondo como intervenção o uso de medidas ambientais que facilitassem a esses sujeitos a integração num meio ambiente apropriado para ultrapassar, desta forma, o problema (Cantero, 1993; cit por Soeiro & Gonçalves, 2010).

Um dos contributos mais relevantes na definição atual de psicopatia foi o de Cleckley (1941), que facultou uma descrição clínica mais aprofundada deste termo. No livro “*The Mask of Sanity*” este autor expôs um perfil de psicopatia, indicando os traços mais relevantes desta patologia. Dentro do grupo de indivíduos que apresentam características de psicopatia, encontram-se sujeitos que detêm posições

de responsabilidade, como por exemplo, advogados, empresários, médicos, engenheiros, entre outros (Cleckley, 1988).

Cleckley descreve algumas características comportamentais de um psicopata, sendo estas o encanto superficial e inteligência, ausência de delírios e outros sinais de pensamento irracional, ausência de nervosismo, falsidade e falta de sinceridade, ausência de remorso e vergonha, comportamento anti-social, julgamento pobre e falha em aprender com a experiência, egocentrismo patológico e incapacidade para o amor, pobreza geral nas principais reações afetivas, indiferença em relações interpessoais gerais, ameaças de suicídio que raramente é realizado, vida sexual impessoal e falha em seguir qualquer plano de vida (Cleckley, 1988).

Cleckley ao apresentar pela primeira vez o seu conceito de psicopatia focou a falta de normalidade socio-emocional, a capacidade de resposta que se caracteriza pela falta de remorsos, a ausência de relações afetivas, egocentrismo e uma pobreza geral de afeto. Este autor comentou a relação entre a criminalidade e a violência, no entanto, nenhuma delas foi considerada um elemento essencial (Rutter, 2005).

No entanto, foi Kraepelin entre os anos de 1896 e 1915, que usou pela primeira vez o termo de personalidade psicopática, o qual permanece atualmente (Lykken, 1995; cit por Soeiro & Gonçalves, 2010).

O princípio do século XX ficou marcado por uma série de estudos fundamentais sobre a psicopatia (Cantero, 1993; cit por Soeiro & Gonçalves, 2010).

Por sua vez, Schneider entre 1923 e 1955 teve um importante contributo na área da psicopatia. Este usou o termo “personalidade psicopática” como uma entidade integradora de determinadas patologias de forma a apresentar uma distinção nítida entre a doença mental e psicopatia. Este autor pensou não ser correto definir como doença mental uma patologia que tenha por base traços psíquicos (Cantero, 1993; cit por Soeiro & Gonçalves, 2010).

Schneider fez uma classificação das personalidades psicopáticas dividindo-as em 10 categorias diferentes:

- Hipertímicos
- Depressivos
- Inseguros
- Fanáticos
- Carentes de valor
- Lábeis de humor

- Explosivos
- Apáticos
- Abúlicos
- Astênicos (Soeiro & Gonçalves, 2010).

Emil Kraepelin, defendeu a ideia de que o desenvolvimento da psicopatia se devia ao método orgânico com ênfase nas lesões e más formações a nível neurológico (Shine, 2000; cit. por Souza, 2010).

Outro passo fundamental no estudo da psicopatia foi quando se descobriu que esta perturbação tem uma base fisiológica. Portanto, os indivíduos com este transtorno têm uma organização deficiente nas faculdades mentais (Holmes, 1997; cit. por Souza, 2010).

Holmes (1997) defende que o conceito de psicopatia na psiquiatria aparece da subestimulação cortical, o q faz com que as pessoas com esta perturbação se enquadrem em condutas inadequadas para aumentar os seus níveis de estimulação. Assim, é esperado que estes sujeitos sejam tratados com estimulantes corticais, que aumentam a suscetibilidade ao condicionamento e diminuem a necessidade de estimulação. Estes estimulantes restringem os sintomas comportamentais da psicopatia. O efeito destes estimulantes não dura muito tempo, não sendo viável mantê-los durante um longo período de (Souza, 2010) tempo.

Buss, por sua vez, descreveu a psicopatia de acordo com dois elementos diferente, designadamente, os sintomas e os traços de personalidade. Relativamente aos sintomas consistiam em condutas viradas para a procura de estimulação, desrespeito pelos pactos, inabilidade para controlar os impulsos ou retardar gratificações, recusa da disciplina e raciocínio pobre na avaliação de condutas. No que concerne aos traços de personalidade, estes dizem respeito a relações interpessoais defeituosas ou á inabilidade para amar ou estabelecer laços de amizade, inexistência de intuição própria, ausência de culpa ou vergonha e ineptidão para ser digno de confiança (Soeiro & Gonçalves, 2010).

Dos trabalhos realizados por Blackburn (1984; cit por Soeiro & Gonçalves, 2010) surgiu uma tipologia que dividiu os psicopatas em quatro grupos: psicopatas primários, psicopatas secundários, psicopatas inibidos e psicopatas conformados. Em relação aos psicopatas primários, estes apresentam baixa ansiedade e bastante extroversão. Os psicopatas secundários revelam-se introvertidos e com elevada ansiedade.

Para Hare o psicopata é alguém que não é capaz de ser empático ou apresentar preocupação em relação aos outros e que manipula e usa as outras pessoas para saciar os seus desejos. Estes sujeitos também manifestam sinceridade superficial com o intuito de convencer os outros da sua inocência e da sua motivação para mudar (Soeiro & Gonçalves, 2010).

A definição de psicopatia de Hare abrange uma combinação de traços de personalidade e condutas desviantes, devendo os sujeitos expor características destes dois indicadores para poderem ser considerados psicopatas (Soeiro & Gonçalves, 2010).

Outros autores como Cook, Hart, Logan e Michie (2004; cit. por Soeiro & Gonçalves, 2010), propõem uma nova definição do termo psicopatia. A avaliação compreensiva da personalidade psicopática faz parte de um modelo que define este conceito em cinco domínios:

- Domínio da vinculação, que avalia as dificuldades do psicopata em estabelecer relações com outras pessoas;
- Domínio comportamental, que verifica os problemas que dizem respeito ao planeamento e cumprimento de tarefas e responsabilidades;
- Domínio cognitivo, que diz respeito aos problemas de adaptação e flexibilidade mentais;
- Domínio da dominância, que se relaciona com a gestão do poder e controlo;
- Domínio do *Self*, que se refere aos problemas de identidade e individualidade do psicopata.

Nos dias de hoje geralmente o individuo psicopata está ligado a crimes, violações sexuais, assassinios em série, mentira, à falta de remorsos e empatia, existência de vários parceiros sexuais e a ausência materna e paterna ligadas a situações de irresponsabilidade na criação do filho (Shine, 2005; cit. por Souza, 2010).

Atualmente, a psicopatia é considerada uma forma particular de perturbação de personalidade. Este transtorno manifesta-se sobretudo nas relações interpessoais disfuncionais, sendo identificada pelos aspetos criminosos, por várias características afetivas, interpessoais e comportamentais (Davoglio, Gauer, Vasconcellos, & Luhring, 2011).

O individuo psicopata manifesta um estilo interpessoal enganador e arrogante, desinibido, egocêntrico, características, estas que o levam a mentir e a manipular com facilidade. As suas relações afetivas são deficitárias, com pouca capacidade de

sentir remorsos, culpa e mesmo empatia, não sendo capaz de aceitar as responsabilidades pelas suas ações. Estes sujeitos também são impulsivos e irresponsáveis, procuram constantemente estimulação, não têm metas de longo prazo e apresentam um estilo de vida parasita (Davoglio, Gauer, Vasconcellos, & Lohring, 2011).

Estudos revelam que a psicopatia é mais frequente em áreas urbanas pobres e entre residentes móveis dessas áreas. De uma forma geral, esta perturbação tem surgido antes dos 15 anos de idade. As raparigas, normalmente, têm sintomas antes de chegar à puberdade, e os rapazes ainda mais cedo. Na população prisional, a prevalência da perturbação é de até 75% (Sadock, 2007; cit. por Souza, 2010).

Existem dois aspetos que definem o desenvolvimento da psicopatia. O primeiro refere-se ao facto de como é a psicopatia vista ao longo do tempo. Os investigadores que se preocupam com as questões do desenvolvimento, preocupam-se em procurar determinar o início das manifestações de psicopatia, e documentar como a sua forma e nível mudam ao longo do tempo. O segundo aspeto está relacionado com a etiologia da psicopatia. Os pesquisadores preocupados com este aspeto do desenvolvimento, procuram identificar as causas da síndrome (Lynam, & Gudonis, 2005).

Uma característica clínica de psicopatas adultos é a discrepância entre as descrições verbais de si e do seu comportamento real, representando um uso incomum da linguagem (Lynam, & Gudonis, 2005).

Cook e os seus colaboradores (2004) atribuíram ao psicopata três dimensões importantes:

1. O psicopata é um indivíduo arrogante, tem um estilo interpessoal enganador, incluindo charme superficial, muita autoestima, é mentiroso e manipulador.
2. Estes sujeitos têm uma experiência afetiva deficiente, incluindo a falta de remorsos, pouca culpabilidade, fraca consciência, insensibilidade, ausência de empatia e não aceitam responsabilidades.
3. Os psicopatas apresentam um comportamento irresponsável e impulsivo, incluindo o tédio, a falta de objetivos a longo prazo, ausência de pensamentos antes de agir e um estilo de vida parasita (Farrington, 2005).

Segundo Hare (2003; cit por Farrington, 2005), deve ser incluído um quarto fator na definição de psicopata, sendo este o comportamento antissocial.

De acordo com Gonçalves (2000; cit por Soeiro & Gonçalves, 2010), a perturbação em questão refere-se a várias características ou traços de personalidade que surgem na infância, piorando durante a adolescência e perdurando na idade adulta.

Para Edens et al (2001), para se poder usar de forma válida o termo traços psicopáticos em vez de transtorno de conduta deve-se entender a fase de desenvolvimento em que tais características aparecem e se tornam estáveis (cit por Petrila, & Skeem, 2003).

Por sua vez, Frick (2002) afirma que os pressupostos básicos da psicopatologia do desenvolvimento é reconhecer que os indicadores de resultados anormais de desenvolvimento podem ser parecidos aos encontrados no desenvolvimento normal, pois muitas vezes envolvem processos semelhantes. Desta forma, a chave é determinar o que pode fazer falhar estes processos como é o caso da psicopatologia (cit por Petrila, & Skeem, 2003).

Não há dúvidas de que os transtornos de personalidade, tal como a psicopatia, são aceites como válidas na psicopatologia do adulto. Os distúrbios de personalidade são transtornos crónicos relacionados com o *Self*, com os outros e com o meio, que resultam na falta de conforto e falta de cumprimento dos principais papéis sociais (Hart, Watt, & Vincent, 2002).

De acordo com Caspi (1997; cit por Lynam, 2002), a personalidade promove a sua própria continuidade através de três tipos de transações: reativa, evocativa e pró-ativa. As transações reativas ocorrem quando os indivíduos expostos ao mesmo ambiente experimentam-no, interpretam-no e reagem a ele de acordo com as suas tendências preexistentes. Por sua vez, as transações evocativas ocorrem quando os sujeitos evocam reações distintas dos seus ambientes sociais com base na sua personalidade. Já as transações proactivas ocorrem quando as pessoas selecionam ou criam ambientes sociais que estão em linha com as suas personalidades existentes.

A relação entre psicopatia e psicopatologia foi bem traçada na idade adulta. A psicopatia tem sido relacionada a distúrbios de externalização, que incluem a perturbação de personalidade antissocial, perturbação do comportamento, e abuso e dependência de substâncias. (Lynam, & Gudonis, 2005).

Lynam e Widiger têm escrito extensivamente sobre a relação entre a psicopatia e o modelo dos cinco fatores (FFM) de personalidade, que destaca cinco amplos

domínios, nomeadamente, a extroversão, a amabilidade, a conscienciosidade, o neuroticismo e a abertura para o exterior (Lynam & Gudonis, 2005).

Poucos investigadores têm estudado fatores de risco, que possam prever, influenciar ou causar a psicopatia. Farrington foca os fatores familiares, apesar de considerar que existem muitos outros fatores de risco (Farrington, 2005).

A psicopatia não está ligada a uma causa específica, portanto, existe um contexto sócio-histórico e cultural, através do qual se pode identificar as possíveis causas deste transtorno (Souza, 2010).

Vitale et al (2005) sugerem que pode haver uma interação entre variáveis biológicas e psicossociais (cit por Farrington, 2005).

Rutter (2005) sugere que aplicação de métodos genéticos de comportamento para o estudo da psicopatia na juventude pode ser fundamental para a compreensão da etiologia da psicopatia (cit por Salekin & Frick).

Já existem muitas pesquisas sobre a prevenção e tratamento de perturbações do comportamento e delinquência, e existem muitos exemplos de técnicas eficazes, sobretudo as dirigidas aos fatores de risco bem estabelecidos (Farrington & Welsh, 2004; cit por Farrington, 2005).

O desenvolvimento de metodologias nas últimas décadas, como a neuroimagem, permitem analisar distintas possibilidades sobre a base neurobiológica de diferentes perturbações mentais. Estes avanços devem-se ao crescente desenvolvimento da psicopatia e ao aumento considerável da criminalidade e violência que se tem verificado na sociedade (Souza, 2010).

No entanto, ainda pouco se sabe especificamente acerca da eficácia dos métodos de prevenção e tratamento da psicopatia em crianças e adolescentes (Farrington, 2005).

Existe um grande entrave para se trabalhar com indivíduos psicopatas, pois estes não sofrem com os seus atos. O desejo de mudança normalmente surge por parte de algum familiar que sofre com as consequências dos atos do psicopata. (Souza, 2010).

A psicopatia tem sido cada vez mais avaliada em contexto clínico e forense, inclusive com a população adolescente. O comportamento interpessoal é um fator fundamental na descrição e diagnóstico das perturbações de personalidade, incluindo a psicopatia (Davoglio, Gauer, Vasconcellos, & Luhring, 2011).

De acordo com Seagrave e Grisso, a psicopatia pode tornar-se numa problemática para a avaliação forense e mesmo no diagnóstico, pois alguns comportamentos

desenvolvidos por jovens psicopatas são normais na adolescência. Esta análise baseia-se na suposição de que os indicadores de psicopatologia ou perturbação de personalidade devem ser qualitativamente distintas das encontradas no desenvolvimento normal. A psicopatologia do desenvolvimento reconhece que os indicadores de desenvolvimento anormal podem ser semelhantes aos encontrados no desenvolvimento normal, pois muitas vezes envolvem processos semelhantes (Frick, 2002).

1.2. Estudos sobre a psicopatia

Simões (2011) no seu estudo sobre psicopatia na adolescência, um dos objetivos foi analisar a possibilidade de identificar traços de psicopatia na população adolescente. (Simões, 2011).

No que concerne aos dados sociodemográficos, ressalta a variável género, uma vez que os resultados encontrados apontam como fator predisponente para o desenvolvimento de traços psicopáticos pertencer-se ao sexo masculino (Simões, 2011).

Normalmente, os estudos mostram que a psicopatia se manifesta através de vários comportamentos que resultam de fatores biológicos e da personalidade, ligados a antecedentes familiares e outros fatores ambientais (Soeiro & Gonçalves, 2010).

Em alguns estudos desenvolvidos verificou-se que os psicopatas primários são sujeitos insensíveis, pouco ansiosos, calculistas, manipuladores e mentirosos. Por outro lado, os psicopatas secundários sofrem de uma desordem neurótica que estimula a impulsividade destes indivíduos (Soeiro & Gonçalves, 2010).

Lynam et al (2005) examinaram a relação entre a psicopatia e as cinco grandes dimensões da personalidade em duas amostras de adolescentes. Neste estudo os autores verificaram que os aspetos da psicopatia que representam a insensibilidade, egoísmo e manipulação interpessoal estão relacionados com a pouca amabilidade. Por outro lado, o aspeto da psicopatia que representa a impulsividade, instabilidade e desvio social, está associado à falta de socialização e conscienciosidade, e ao elevado neuroticismo (cit por Salekin & Frick, 2005).

Vários estudos têm encontrado elevadas taxas de álcool e uso de droga entre criminosos psicopatas. A psicopatia está correlacionada com o alto risco de práticas sexuais. Há algumas evidências de que sujeitos psicopatas beneficie menos com o

tratamento psiquiátrico do que outros infratores que não sejam psicopatas (Lynam, & Gudonis, 2005).

Pesquisas indicam que existem semelhanças entre jovens com perturbação do comportamento e adultos psicopatas. Assim, existem três questões que parecem relevantes: a validade da aplicação da psicopatia aos jovens; o significado de psicopatia na juventude; e a ética e moral e a adequação de avaliar a psicopatia na juventude (Petrila, & Skeem, 2003).

Trentacosta e Shaw revelaram com o seu estudo que a idade da mãe na primeira gestação, a sua ausência de empatia e a presença de alguns fatores de agressividade, influenciam de forma indireta o desenvolvimento do comportamento do filho (Wellausen & Bandeira, 2010).

Algumas pesquisas evidenciam que pais de crianças com problemas de conduta demonstram mais baixa autoconfiança, menos afetuosos e envolvimento com as crianças e usam a punição física. Assim, pode-se afirmar que a personalidade parental é o reflexo da maneira de ser e estar dos filhos (Yoo, Kim, Shin, Cho, & Hong, 2006; Kerr, Lopez, & Sameroff, 2004; Mulvaney & Mebert, 2007; cit. por Silva, 2008).

1.3. Escalas que medem a Psicopatia

Os principais métodos de medição da psicopatia em crianças e adolescentes incluem *The Childhood Psychopathy Scale* (CPS; Lynam, 1997), *The Antisocial Process Screening Device* (APSD; Frick & Hare, 2001), *Psychopathy Checklist-Revised* (PCL-R; Hare, 1991) *The Psychopathy Checklist-Youth Version* (PCL-YV; Forth, Kosson, & Hare, 2003), *The Psychopathy Content Scale* (PCS; Lexcen, Vincent, & Grisso, 2004), e *The Youth Psychopathic traits Inventory* (YPI; Andershed, Kerr, Stattin, & Levander, 2002).

A perspectiva de Cleckley formou a base para uma das mais usadas e respeitadas medidas de psicopatia no adulto, ou seja, o *Psychopathy Checklist* (Hare, 1985; cit. por Kotler & McMahon, 2005).

O PCL-R é uma escala de avaliação de sintomas, na qual o examinador pontua 20 itens com base numa entrevista semiestruturada de registos institucionais. O PCL-R mostra uma estrutura de fatores estáveis (Lynam, & Gudonis, 2005).

O fator 1 do PCL-R avalia as características interpessiais (como por exemplo, a manipulação) e afetivas (tais como a ausência de remorsos e empatia) (Cleckley, 1976; cit. por Filho, Teixeira, & Dias, 2012).

Por sua vez, o fator 2 avalia aspectos impulsivos (a falta de estabelecimento de objetivos) e antissociais (como a delinquência juvenil) (Hare, & Neumann, 2008; cit. por Filho, Teixeira, & Dias, 2012).

O PCL-R tem uma pontuação específica de critérios para avaliar cada um dos 20 itens numa escala de três pontos (0, 1, 2). O total de pontuação pode variar de 0 a 40 e refletir uma estimativa do grau em que o indivíduo coincide com o psicopata (Hare, Clark, Grann, & Thornton, 2000).

The Psychopathy Checklist: Youth version (PCL-YV) é concebido como uma ferramenta de diagnóstico e não como uma medida de rasteio. Esta escala é adaptada para ser usada com adolescentes e baseia-se no PCL-R. O PCL-YV é composto por 18 itens que são pontuados numa escala de 3 pontos: 0 (definitivamente não se aplica), 1 (o ponto pode ou não aplicar-se) e 2 (o ponto aplica-se definitivamente). Os itens são divididos por Fator 1 que inclui o aspecto interpessoal/ afetivo e o Fator 2 que inclui o estilo de vida socialmente desviante (Forth et al., 1990; cit. por Kotler & McMahon, 2005).

Estas características incluem fatores temperamentais, como a baixa inibição comportamental, o desenvolvimento moral e emocional, o tratamento sociocognitivo, a inteligência e variáveis como o sexo e a etnia (Kotler & McMahon, 2005).

Campbell, Porter e Santor (2004) descobriram que delinquentes com resultado muito elevados na PCL-YV têm mais probabilidade de sofrer de abuso físico e a separação dos seus pais, em comparação com os baixos resultados nesta mesma escala (cit. por Farrington, 2005).

Há uma literatura considerável sobre as relações entre o temperamento e os problemas de comportamento. Em particular, a dimensão temperamental da baixa inibição comportamental tem sido examinada como um possível fator para o desenvolvimento de problemas de conduta, e está também relacionado com a psicopatia nos adultos. O sistema de inibição comportamental (BIS) é um sistema neurológico ativado por estímulos de punição e de não recompensa (Kotler & McMahon, 2005).

Este sistema é pensado para produzir ansiedade e para inibir o comportamento, na presença de novos estímulos, medo e sinais de punição. Desta forma, este sistema

pode levar à baixa responsividade às sugestões de punição, ao baixo temor e à baixa suscetibilidade à ansiedade (Newman & Wallace, 1993; Kagan & Snidman, 1991; Lykken, 1995; Rothbart, 1989; cit. por Kotler & McMahon, 2005).

Para testar diretamente os modelos de psicopatia em crianças, Frick e os seus colaboradores desenvolveram uma medida de rasteio sobre a psicopatia juvenil, que se intitula de *The Antisocial Process Screening Device* (APSD) (Frick & Hare, 2001; cit. por Kotler & McMahon, 2005).

Atualmente, o APSD é a medida mais utilizada para testar a psicopatia em populações de crianças e adolescentes. Esta escala tem 20 itens disponíveis podendo ser aplicada aos pais, professores e jovens, no formato de autorrelato. A pontuação baseia-se numa escala de 3 pontos: 0 (não de todo verdade), 1 (às vezes verdadeiro) ou 2 (definitivamente verdade). Apesar de não terem sido especificadas faixas etárias, o APSD tem sido usado com crianças e adolescentes entre os 6 e 18 anos de idade (Kotler & McMahon, 2005).

Frick et al (1994; cit. por Kotler & McMahon, 2005) examinaram as propriedades psicométricas do APSD numa amostra clínica de 95 crianças com idades compreendidas entre os 6 e 13 anos de idade.

Semelhante ao APSD, *The Child Psychopathy Scale* (CPS) tem a base teórica do PCL-R. No entanto, os itens que compõem a escala são retirados do *Child Behavior Checklist* e do *The California Child Q-Set*. O CPS contém 13 breves escalas, pelo que o número de itens que representam cada escala varia entre 2 e 7. A maioria das escalas mostram confiabilidade interna e a medida global teve alta consistência interna (Kotler & McMahon, 2005).

De acordo com Lynam (1997) a *Escala de Psicopatia na Infância* (The Childhood Psychopathy Scale CPS), foi desenvolvida para operacionalizar, na infância e na adolescência, os traços de personalidade encontrados no PCL-R (cit. por Lynam, & Gudonis, 2005).

Esta versão avalia 13 das construções do PCL-R: loquacidade, falsidade, suscetibilidade, tédio, manipulação, falta de culpa, pobreza de afeto, insensibilidade, estilo de vida parasita, descontrolo comportamental, falta de planeamento, impulsividade, insegurança e fracasso em aceitar a responsabilidade (Lynam, & Gudonis, 2005).

The Youth Psychopathic Traits Inventory (YPI) é um instrumento de autorrelato que avalia a psicopatia e é baseado no PCL-R. Esta escala foi desenvolvida

sobretudo para resolver alguns entraves dos autorrelatos. Primeiro, porque a falsidade, mentira e a manipulação são sintomas nucleares da personalidade psicopática, sendo difícil conseguir respostas verdadeiras. Em segundo lugar, pelo menos na população adulta, os psicopatas tendem a ter uma falta de visão sobre o seu próprio comportamento. O YPI contém 10 escalas destinadas a medir 10 traços principais de personalidade associadas com a psicopatia. Cada escala é composta por 5 itens. Os entrevistadores são solicitados a responder aos itens numa escala de Likert de 4 pontos. O YPI é projetado para jovens de 12 anos ou mais (Kotler & McMahon, 2005).

Por sua vez, *The Hare P-SCAN* é um dispositivo de triagem, que vai buscar a sua base conceitual e estrutura ao PCL-R. Este questionário tem 90 itens que são agrupados em *interpessoal*, *afetiva* e *estilo de vida*. Esta escala destina-se a ser usada por profissionais de cuidados de saúde, justiça juvenil e da escola. Embora a faixa etária não tenha sido especificamente indicada, os autores aconselham usar o *Hare P-SCAN* em indivíduos com 13 anos ou mais (Kotler & McMahon, 2005).

Blair e colaboradores conduziram as pesquisas sobre o desenvolvimento moral típico e atípico. Especificamente, ao descrever o desenvolvimento moral normativo, estes autores propuseram a existência de um *Mecanismo de Inibição da Violência* (VIM), que se desenvolve no início da vida da maioria das crianças e é ativado por sinais de perigo de outras pessoas (Blair, 1995; Blair, Jones, Clark, & Smith, 1997; cit. por Kotler & McMahon, 2005).

Ao contrário da temática do desenvolvimento moral e emocional, existem poucas pesquisas disponíveis sobre a relação entre a psicopatia em crianças e padrões de processamento cognitivo social. Graves problemas de comportamento também estão associados com a baixa inteligência em amostras de jovens (Kotler & McMahon, 2005).

Foi desenvolvida a *Medida Interpessoal de Psicopatia* (IM-P) com o intuito de avaliar de forma específica os comportamentos interpessoais e aspetos não-verbais das interações considerados típicos nas entrevistas com sujeitos que apresentam traços psicopáticos. Este instrumento centra-se nas interações interpessoais que se criam entre o examinando e o entrevistador (Davoglio, Gauer, Vasconcellos, & Luhring, 2011).

As escalas de exigência e *responsividade* foram usadas por Lamborn e seus colaboradores numa investigação que pretendeu verificar a relação entre os estilos

parentais e os padrões de competência e ajustamento nos jovens. Estas são instrumentos de autorrelato, originalmente com oito e dez itens, nos quais os adolescentes avaliam as atitudes e práticas que os seus pais aplicam relacionadas às respetivas dimensões (exigência e responsividade). Desta forma apareceram três fatores, nomeadamente, a responsividade, a exigência e a autonomia psicológica. No entanto, para classificar os estilos parentais de acordo com o modelo de Maccoby e Martin, apenas a responsividade e exigência foram usadas nas análises de Lamborn e seus colaboradores (Costa, Teixeira, & Gomes, 2000).

Segundo Forth et al (2003; cit por Lynam, & Gudonis, 2005), a *Escala de Psicopatia de Hare* (The Hare Psychopathy Checklist, PCL-YV), é uma escala de avaliação de 20 itens para avaliar a psicopatia em jovens. Os itens são pontuados com base na informação extraída numa entrevista semiestruturada.

O Personality Inventory Revised (NEO PI-R) é um inventário revisto que mede trinta facetas que levam às cinco dimensões da personalidade, nomeadamente, o neuroticismo, a extroversão, a abertura á experiência, a amabilidade e a conscienciosidade (Costa Jr., McCrae & Kay, 1995; cit. por Nunes, 2011).

Segundo Manita (2002; Lima & Simões, 2003; cit. por Nunes, 2011), o NEO PI-R instrumento não suscita dificuldades de resposta nem cansa os indivíduos, tendo sido traduzido e aferido para a população portuguesa.

Apesar deste instrumento se basear num modelo genérico da personalidade, alguns autores referem que este inventário é bom para avaliar populações com comportamentos desviantes, tendo um ótimo poder discriminativo dos traços ligados á psicopatia (Derefinko & Lynam, 2007; cit. por Nunes, 2011).

Capítulo II

A Psicopatia na adolescência

*“Qualquer coisa que encoraje o
crescimento de laços emocionais
tem que servir contra as guerras”*

Sigmund Freud

Existe uma série de questões que se colocam quando se fala em psicopatia na infância ou adolescência. Em primeiro lugar, existe psicopatia na infância ou adolescência? Em segundo lugar, mesmo existindo, a psicopatia em crianças e adolescentes, tem as mesmas características que a psicopatia nos adultos? Em terceiro lugar, mesmo que a psicopatia exista em crianças e adolescentes, e tenhas as mesmas características da psicopatia no adulto, é possível medir a psicopatia na infância ou adolescência usando testes desenvolvidos para os adultos? (Hart, Watt, & Vincent, 2002).

O conceito da psicopatia infantil pode relacionar-se com o trabalho de Cleckley (1941), de Karpman (1949, 1950) e de McCords (1959/1964). Estes autores foram os primeiros a levantar questões relacionadas com a psicopatia em crianças e adolescentes, tais como, se a psicopatia existe realmente nesta faixa etária; em que fase do desenvolvimento pode ser identificada; se este transtorno tem uma causa biológica ou se se deve ao meio onde o indivíduo se insere; e até que ponto esta perturbação tem tratamento (Salekin, & Lynam, 2010).

Na década de 1990, houve um ressurgimento da pesquisa para alargar o conceito de psicopatia para a população jovem, em parte devido aos avanços no estudo da psicopatia em adultos. Estes avanços foram evidentes devido ao aparecimento de modelos teóricos sofisticados que especificam défices afetivos e cognitivos que podem levar a traços psicopáticos (Gorenstein & Newman, 1980; Hare, Hart, & Harpur, 1991; Lykken, 1995; Patrick, 1994; cit por Salekin & Frick, 2005).

Segundo Hart, Watt e Vincent (2002), não há consenso entre os psicopatologistas do desenvolvimento em relação ao facto de que as perturbações de personalidade como uma categoria geral de psicopatologia existam mesmo na infância ou adolescência (cit. por Petrila, & Skeem, 2003).

Segundo Kernberg et al. (2000) há boas razões para acreditar que a personalidade não se cristaliza pelo menos até ao final da adolescência ou mesmo no início da idade adulta (cit. por Hart, Watt, & Vincent, 2002).

2.1. Existe psicopatia na adolescência?

A hipótese de reconhecer e tratar transtornos de personalidade nas populações jovens é ainda incipiente, embora, em 1940, Cleckley já tivesse reconhecido a

psicopatia como uma perturbação de personalidade que tem as suas raízes estabelecidas na infância e adolescência (Davoglio, gauier, Jaeger, & Tolotti, 2012).

Nas últimas décadas, várias pesquisas identificaram fatores de risco e caminhos etiológicos relacionados com o desenvolvimento e persistência de problemas de conduta e comportamento antissocial na população jovem. Existe uma heterogeneidade nas trajetórias de desenvolvimento que conduzem a problemas de comportamento graves. Desta forma, tem aumentado o interesse em explorar traços de psicopatia na juventude (Kotler & McMahon, 2005).

Ao longo de muitos anos a construção de psicopatia tem tido um papel importante na compreensão do comportamento antissocial e da criminalidade em adultos, e a literatura sobre a psicopatia em adultos fornece a base para construir a psicopatia nos jovens (Cleckley, 1976; Hare, Hart, & Harpur, 1991; cit por Kotler & McMahon, 2005).

Diversos fatores levam a um crescente interesse sobre o tema da psicopatia em crianças e adolescentes. Em primeiro lugar existe uma tendência para estudar se os problemas de conduta, agressão e violência em jovens podem ser explicados por uma personalidade semelhante da dos adultos (Kotler & McMahon, 2005).

Em segundo lugar, Lynam propôs que, para evitar que os resultados negativos graves associados com a psicopatia, a identificação precoce de traços psicopáticos é essencial porque as tentativas para tratar a psicopatologia na adultez, provaram ser bastante mal sucedidas (Hart et al., 1988; Lipton, Martinson, & Wiks, 1975; Palmer, 1984; cit. por Kotler & McMahon, 2005); e as evidências sugerem que os indivíduos psicopatas têm histórias antissociais e criminais que começam antes da idade adulta (Hart & Hare, 1997; cit. por Kotler & McMahon, 2005).

A proposta de Lynam baseia-se na premissa de que os traços psicopáticos na infância ou adolescência estão relacionados com a psicopatia em adultos (Kotler & McMahon, 2005).

Na literatura sobre a psicopatia no adulto, as características psicopáticas têm sido relacionadas com uma variedade de características individuais que servem como fatores de risco para o comportamento antissocial. Muitas destas características individuais também são muito importantes no contexto juvenil (Frick, 1998; Frick & Ellis, 1999; cit. por Kotler & McMahon, 2005).

O conhecimento atual sobre a psicopatia nas crianças e adolescentes torna possível fazer muito mais do que apenas identificar crianças com problemas de

comportamento e traços psicopáticos. A maioria das crianças provavelmente tem vulnerabilidades individuais que interagem com fatores contextuais, resultando numa incapacidade de regular adequadamente o comportamento (Frick, 1998; Frick & Ellis, 1999; cit. por Kotler & McMahon, 2005).

As pesquisas da atualidade indicam que as experiências infantis são um fator de risco elevado para o desenvolvimento de quadros psicopatológicos. Um estudo acerca do desenvolvimento de transtornos de personalidade, realizado por Johnson et al., (2005) relacionou várias pesquisas confirmando que crianças e jovens submetidos a experiências traumáticas (como por exemplo, o abuso físico/psicológico, negligência, doença mental parental, punição excessiva e agressiva) seriam, potencialmente, mais vulneráveis à presença de traços de transtornos de personalidade (Davoglio, gauer, Jaeger, & Tolotti, 2012).

Nos últimos anos fez-se um progresso a nível da conceção e avaliação da psicopatia em crianças; na avaliação das relações entre traços psicopáticos e uma grande variedade de construções relacionadas com a realização de problemas e diferenças individuais; e a integração da psicopatia infantil em teorias bem estabelecidas. Porém, existem algumas limitações relativamente à conceituação atual da psicopatia infantil. Estas limitações envolvem questões teóricas não resolvidas, problemas de medição, preocupação com a rotulagem de jovens com problemas de comportamento, os receios sobre o uso de medidas de psicopatia em crianças em contexto forense e questões sobre se existe algum nível normativo de traços psicopáticos em jovens, que serão erroneamente usados para tomar decisões clínicas e políticas (Kotler & McMahon, 2005).

Problemas de conduta juvenil, criminalidade e violência continuam a apresentar grandes desafios para a nossa sociedade. Embora muitos pesquisadores e clínicos dediquem a sua carreira ao desenvolvimento de intervenções para estes problemas, eles permanecem. Enquanto estes problemas continuam a prevalecer nas nossas comunidades, é provável que o estudo dos traços psicopáticos em crianças e adolescentes continuem a ser importantes e debatidos na área da investigação (Kotler & McMahon, 2005).

Frick (2009) defende que apesar da personalidade psicopática ser detetável na idade adulta, presumivelmente, originar-se na infância, pelo que o seu desenvolvimento se intensifica durante a adolescência. Assim, a compreensão e a pesquisa de traços de psicopatia em populações jovens torna-se, portanto, um grande

desafio aos pesquisadores e clínicos. No entanto, a maior parte dos estudos apontam para um padrão de características precoces em jovens, semelhante ao observado em adultos com psicopatia, incluindo: ligações com violência, agressão, desajustes institucionais, reincidência criminal, abuso de substâncias, comportamento interpessoal desviante e vínculos afetivos e apego deficitário com familiares e pessoas significativas (Forth et al., 2003; Neumann et al., 2006; Sevecke, Lehmkuhl, & Krischer, 2008; cit. por Davoglio, 2012).

Mesmo existindo psicopatia na infância e adolescência, pode ser muito diferente da psicopatia no adulto. (Hart, Watt, & Vincent, 2002).

A Teoria da Personalidade serve para ilustrar o motivo dos estudos da psicopatia juvenil serem tão importantes, pois a avaliação e o estudo da psicopatia incipiente é a chave para o seu tratamento. Muitos autores sugerem que a psicopatia só assume a estabilidade na idade adulta (Lynam, 2002).

Os indicadores de psicopatia envolvem sinais e processos que são comuns no desenvolvimento normal da juventude. Esta questão deve ser enquadrada numa perspectiva desenvolvimental (Frick, 2002).

Os traços de psicopatia na adolescência podem ser altamente preditivos de traços psicopáticos na idade adulta. No entanto, com esses traços não se pode prever a violência nos indivíduos (Frick, 2002).

O diagnóstico de psicopatia deve ser realizado através de uma avaliação minuciosa, quando este mesmo diagnóstico é usado para a tomada de decisões, pois pode ter consequências muito graves para infratores menores (Frick, 2002).

McCord e McCord (1959, 1964) na sua obra *O Psicopata: Um Ensaio Sobre a Mente Criminosa*, enfatizaram a importância da identificação da psicopatia e tratamento na população juvenil. Estes autores destacam a importância da intervenção precoce e a prestação de cuidados adequados para lidar com jovens que manifestem traços de psicopatia (cit. por Salekin & Frick, 2005).

Quay (1964, 1965) tentou definir subtipos importantes de jovens delinquentes. Este autor é uma figura chave na classificação da psicopatologia infantil. Quay propôs que os avanços no tratamento sejam reforçados com uma classificação precisa (cit. por Salekin & Frick, 2005).

De acordo com Lynam (1997, 1998), as crianças que manifestem sintomas de hiperatividade e problemas de comportamento podem vir a desenvolver psicopatia (cit. por Salekin & Frick, 2005).

Já foi demonstrado anteriormente que os jovens psicopatas agem como os psicopatas adultos. No entanto, isto não quer dizer que os jovens se tornem, posteriormente, psicopatas na idade adulta. Para realmente se mostrar este facto, deve-se seguir as pessoas ao longo do tempo Lynam & Gudonis, 2005).

Frick e os seus colaboradores (1994) provaram que na infância podem ser identificadas duas dimensões semelhantes às atribuídas à população adulta. Por um lado, temos a impulsividade, com a qual se relaciona a ausência do controlo dos impulsos e a falta de responsabilidade (Romero, 2001; Luengo, Sobral, Romero, & Gómez-Fraguela, 2002; cit. por Romero, Romero, & Luengo, 2011).

Por outro lado, a insensibilidade emocional, que se torna essencial no estudo da personalidade psicopática (Patrick, Fowles y Krueger, 2009; cit. por Romero, Romero, & Luengo, 2011).

As crianças ou adolescentes psicopatas são volúveis, irresponsáveis, impulsivos, afetivamente superficiais e apresentam falta de culpa (Lynam, & Gudonis, 2005).

Saltaris (2002) defendeu que a teoria da vinculação interrompida precocemente pode ser um percurso para a psicopatia juvenil (cit. por Lynam, & Gudonis, 2005).

Capítulo III

Da vinculação à psicopatia

*“Viver é como andar de bicicleta:
é preciso estar em constante
movimento para manter o equilíbrio”*

Albert Einstein

3.1. Teoria da vinculação e estilos parentais

A teoria da vinculação resulta dos trabalhos de Bowlby e Ainsworth (1991) e deriva da psicologia do desenvolvimento e da psicanálise. Esta teoria é baseada num modelo de desenvolvimento emocional que fundamenta que a relação mãe-bebê é a base das relações futuras do indivíduo (Ribeiro, & Sousa, 2002).

Bowlby (1969) define vinculação como a tendência do ser humano para estabelecer laços afetivos fortes com certas pessoas, podendo ficar emocionalmente afetado caso haja separações ou perdas repentinas e/ou indesejadas (Ribeiro, & Sousa, 2002).

A teoria da vinculação tornou-se fundamental para a compreensão dos padrões de relacionamento que são estabelecidos ao longo do ciclo vital, dando mais relevância à relação que a criança cria com as figuras significativas. O sujeito mais próximo do bebê, de uma forma geral assume o papel de figura de vinculação uma vez que faculta segurança e proteção à criança (Ferreira, & Pinho, 2009).

Existem diferentes padrões de vinculação e as diferenças entre eles indicam a qualidade da vinculação que é descrita pelas habilidades utilizadas pela criança para lidar com a ansiedade na separação/proximidade à figura de vinculação. Desta forma, identificam-se três padrões, nomeadamente, a vinculação segura, (ou padrão B), que é o mais frequente e corresponde a crianças que se apresentam confiantes na disponibilidade da figura de vinculação quando precisam dela; a vinculação insegura de evitamento (padrão A) que se refere a bebês que aparentam evitar ou ignorar a figura significativa em circunstâncias stressantes; e a vinculação insegura ambivalente, ou ansiosa, (padrão C) diz respeito a crianças que vacilam entre movimentos de aproximação e evitamento da figura de vinculação e não são confortados pela sua comparência (Machado, 2009).

Main e colaboradores (1980) traçam um outro padrão de vinculação que se refere a reações desorientadas/desorganizadas de bebés que oscilam entre condutas contraditórias ou ambivalentes de aproximação/resistência, apreensão, confusão ou imobilização face à figura significativa, sendo este designado de padrão D (Cicchetti et al., 1995; Main, 1996; cit. por Machado, 2009).

Bowlby defende que a segurança ou, pelo contrário a ansiedade na relação prosseguiria a influenciar o sujeito ao longo da vida. Conforme a criança vai

crescendo, o padrão de vinculação da(s) relação(ões) vai-se tornando propriedade do indivíduo e já não propriedade daquela relação (Machado, 2009).

A adolescência é uma fase do ciclo vital em que se inicia a separação das figuras de vinculação. Nesta fase, os sujeitos aparentam lutar para se distanciar das relações de vinculação com os pais ou outras figuras significativas. Allen e Land (1999) referem que os laços criados com os pais se tornam ligações que limitam, mais do que ligações seguras. Porém, estes autores salientam que a investigação tende a indicar que a independência adolescente se determina com mais facilidade, não à custa da vinculação com os pais, a qual é desejável que perdure, mas depende sim do contexto de relações seguras (Ribeiro, & Sousa, 2002).

Na adolescência as capacidades cognitivas emergentes possibilitam a generalização do padrão de vinculação a outras figuras (Colin, 1996; cit. por Ribeiro, & Sousa, 2002).

As relações de vinculação na adolescência têm um papel fundamental na harmonia geral das pessoas. Nesta fase acontece uma grande reestruturação passando progressivamente das relações com os pais para as com os pares, apesar de que a maioria dos adolescentes queira conservar os pais como figuras de reserva, continuando a procurar o suporte parental em momentos de distress (West et al., 1998; cit. por Ribeiro, & Sousa, 2002).

No entanto o sucesso no desenvolvimento de laços com outras figuras é afetado definitivamente pelos padrões criados previamente com as figuras parentais (Ribeiro, & Sousa, 2002).

Colin (1996) esclarece que na adolescência acontecem duas grandes modificações na vinculação: por um lado, existe o desenvolvimento de relações mútuas em que cada parceiro é figura de vinculação do outro e, por outro lado, a figura dos progenitores como figuras de vinculação principais é substituída, geralmente por um par (Ribeiro, & Sousa).

Perante a situação inconclusiva sobre a compreensão da psicopatia na adolescência, recoloca-se a questão num âmbito alargado da teoria da vinculação, considerando o problema da psicopatia, não um traço de personalidade, mas sim uma construção social, ou seja, relaciona-se com as relações interpessoais significativas, tais como, a interação entre pais-filhos e entre amigos (Simões, 2011).

O estudo das relações pais-filhos e entre os pares teve especial atenção por parte de Armsden e Greenberg (1987) e de Gulhane e Robinson (2005) que identificaram

três grandes dimensões de vinculação nesta fase do desenvolvimento, sendo estas a *confiança*, a *comunicação* e a *alienação*. Para realizarem esta pesquisa, estes autores desenvolveram instrumentos de medida, os quais se designaram IPPA e IPPA-R (Simões, 2011).

De acordo com Fonagy (1998), nos dias de hoje, mediante a mudança da sociedade, pode-se atribuir a criação do Homem, enquanto sujeito individual, a fatores particulares, tais como, os aspetos biológicos, sociais, familiares e complicações na relação precoce ou estilos parentais (cit. por Silva, 2008).

A família como base do grupo social tem sido cada vez mais atingida na sua estrutura e constituição. Nos últimos anos, surgiram novas configurações familiares, isto é, às vezes com a ausência do pai, outros casos com múltiplos pais e mães, ou ainda casais do mesmo sexo são cada vez mais frequentes (De Antoni, Barone, & Koller, 2007; Falceto, 2008; Kiriakidis, 2006; cit. por Wellausen & Bandeira, 2010).

A diminuição da constituição familiar deve-se sobretudo a fatores sociais, emocionais, culturais e económicos. Quando se fala no desenvolvimento das funções parentais, é fundamental esclarecer que estas não são estabelecidas pelo sexo nem pelo grau de parentesco (Souza, 2010).

As alterações que se verificam nas interações pais-filhos consequentes das transformações que a família tem vindo a passar, têm conduzido a um crescente questionamento sobre o papel dos pais na educação dos filhos. Nos últimos anos, vários estudos têm-se focado nos estilos parentais, ou seja, na forma como os pais lidam com as questões de poder, hierarquia e suporte emocional na relação com os seus filhos. Estas pesquisas têm verificado que o estilo parental influencia várias áreas do desenvolvimento psicossocial das crianças e adolescentes, nomeadamente, o ajustamento social, a psicopatologia e o desempenho académico (Costa, Teixeira, & Gomes, 2000).

A família é o meio onde a criança começa a usar os valores da inter-relação social que lhe vão marcar os seus padrões de comportamento. A instabilidade a que a criança está sujeita é o foco da problemática e o motivo pelo qual o mundo da criança muitas vezes se desequilibra. (Silva, 2008).

De acordo com Neto (2000), os pais são os principais agentes de socialização dos seus filhos, e as atitudes que transmitem podem ter consequências profundas (cit. por Silva, 2008).

Torna-se fundamental referir que as funções parentais beneficiam o desenvolvimento adequada das crianças, pois a ausência das figuras parentais pode levar ao narcisismo infantil, o que pode comprometer o desenvolvimento do indivíduo. Hoje em dia, muitos progenitores falham a sua tarefa de educar os seus filhos (Souza, 2010).

As rotinas, o respeito, os limites, o diálogo, a liberdade de expressão, o suporte afetivo e o carinho, permitem à criança perceber que tem um lugar na sociedade, que é o lugar especial que tem na sua família. Permite ainda que o sujeito saiba até onde pode ir e o motivo desses limites. A educação escolar, os amigos e até mesmo os vizinhos também contribuem para esse desenvolvimento (Silva, 2008).

Segundo Bronfenbrenner (1979/1996), a família é o primeiro ambiente do qual a criança participa de forma ativa, interagindo através de relações com os pais ou cuidadores. Estas relações vão crescendo dentro do seio familiar, de forma a criar vários subsistemas, nomeadamente, a relação pai-criança e a relação entre irmãos. A família com a qual a criança lida de uma forma direta é designada de microsistema. Este é a maior fonte de segurança, amparo, afeto, bem-estar e apoio para a criança (cit. por Cecconello, De Antoni, & Koller, 2003).

Dentro deste sistema, a criança desenvolve o conceito de permanência e a estabilidade. O primeiro diz respeito à perceção de que os elementos centrais do curso de vida são estáveis e mantêm-se organizados, com rotinas familiares. A estabilidade é criada através da transmissão de segurança dos pais aos filhos, de que não haverá rotura, mesmo em situações stressantes (De Antoni, Medeiros, Hoppe, & Koller, 1999; cit por Cecconello, De Antoni, & Koller, 2003).

Um ser humano manifesta condutas socialmente adequadas quando a aprendizagem tenha sucedido durante o desenvolvimento, se o meio onde cresceu tenha favorecido o amadurecimento biológico e psicológico, e ainda se houver uma sintonização dos comportamentos com as situações sociais (Silva, 2008).

Segundo Urra (2006), o ambiente familiar, o apoio, a afetividade e os vínculos firmes ajudam a superar situações adversas (cit. por Silva, 2008).

Os vários pontos de vista da psicanálise presumem uma forte relação entre os primeiros comportamentos vinculativos da criança com a figura significativa, que não tem de ser necessariamente o pai ou a mãe, e a natureza das relações posteriores. Existem vínculos positivos que proporcionam o apoio necessário para o desenvolvimento psicológico da criança, permitindo-lhe organizar o seu mundo

interior. A percepção da criança, particularmente em relação à figura materna como um ser intencional, é a base de uma vinculação segura, essencial ao desenvolvimento do *Self*, e é um aspeto impulsionador de resiliência e de inibição de tendências antissociais (Silva, 2008).

É possível identificar duas dimensões diferentes na relação pais-filhos: as práticas educativas e os estilos parentais. As práticas educativas dizem respeito às estratégias usadas pelos cuidadores de forma a alcançar finalidades específicas em várias áreas, como por exemplo, a nível académico, social ou afetivo, sob determinadas situações (Hart, Nelson, Robinson, Olsen, & McNeilly-Choque, 1998; cit por Cecconello, De Antoni, & Koller, 2003).

Por sua vez, os estilos parentais referem-se às características gerais da relação pais-filhos em vários contextos, que geram um clima emocional (Darling, & Steinberg, 1993; cit por Cecconello, De Antoni, & Koller, 2003).

Baumrind (1966) propôs três estilos parentais, sendo eles o autoritativo, o autoritário e o permissivo. Desta forma, os pais autoritativos tentam direcionar as atividades dos seus filhos de forma racional e orientada, estimulam o diálogo, pedem as suas objeções quando se recusam a concordar, executam firme controle nos pontos de discordância, colocando as suas perspetivas de adultos, sem limitar a criança, admitindo sempre que esta tem interesses próprios e não baseiam as suas tomadas de decisões em consensos ou no desejo da criança (Weber, Prado, Viezzer, & Brandenburg, 2004).

Por sua vez, os pais autoritários, segundo Baumrind (1966), moldam, examinam e avaliam o comportamento da criança segundo determinadas regras de conduta instituídas, apreciam a obediência como uma virtude e são a favor de medidas de punição para lidar com certas condutas da criança que entram em conflito com o que eles pensam ser correto (Weber, Prado, Viezzer, & Brandenburg, 2004).

Por último, os pais permissivos, para Baumrind (1966), tentam comportar-se de forma não-punitiva e recetiva perante as vontades da criança, apresentam-se perante ela como um recurso para concretização dos seus desejos e não como um modelo, nem como um agente responsável por modelar ou direcionar a sua conduta (Weber, Prado, Viezzer, & Brandenburg, 2004).

Estas práticas podem variar entre as situações, e são independentes de um contexto específico de socialização e evidenciam-se na interação pais-filhos (Keith & Christensen, 1997; cit por Oliveira et al., 2002).

Os cuidadores podem apresentar afetividade, responsividade e autoridade. Mesmo que os educadores usem uma medida restritiva em relação a um comportamento da criança, estes podem demonstrar afeto e cuidado bem como estimular a autonomia responsável. Por outro lado, uma medida punitiva revela-se pela imposição, o que caracteriza um estilo parental autoritário (Cecconello, De Antoni, & Koller, 2003). P.46

No entanto, o uso de punições, especialmente quando estas são físicas, pretendendo ser uma prática educativa, tem sido considerado prejudiciais para o desenvolvimento da criança (Hart, Ladd, & Burleson, 1990; Hart, Nelson, Robinson, Olsen, & McNeilly-Choque, 1998; Hoffman, 1960, 1975; cit por Cecconello, De Antoni, & Koller, 2003).

De acordo com Grusec e Lytton (1988), as punições têm tendência a provocar sentimentos negativos nas crianças, o que pode inibir o seu comportamento por causa da ansiedade que pode surgir. Alguns autores distinguem duas formas de punição, nomeadamente, a coerção e a ameaça do rompimento do vínculo afetivo entre pais-filhos (cit. por Cecconello, De Antoni, & Koller, 2003).

Segundo Hoffman (1960), existem duas formas pelas quais os educadores podem usar o poder para mudar o comportamento das crianças. A primeira, usando uma disciplina indutiva, que tem como objetivo provocar uma alteração voluntária no comportamento dos filhos. A segunda, usando técnicas que reforcem o poder paternal, através de práticas coercitivas. Assim, os cuidadores podem optar entre as várias técnicas disponíveis para monitorar o comportamento das crianças (cit. por Cecconello, De Antoni, & Koller, 2003).

Hoffman (1975) refere que a disciplina indutiva engloba práticas educativas que transmitem à criança o desejo dos pais de que esta altere a sua conduta, induzindo-a a obedecer-lhes (cit. por Cecconello, De Antoni, & Koller, 2003).

Por sua vez, a disciplina coerciva é caracterizada pelas práticas que usam a aplicação da força e poder por parte dos cuidadores. Estas práticas englobam a punição física e a privação de privilégios ou ameaças. Tais práticas podem provocar emoções intensas, como hostilidade e medo, o que pode interferir na capacidade da criança para regular o seu comportamento ao contexto (Hoffman, 1975; cit por Cecconello, De Antoni, & Koller, 2003).

Nos anos 80, Maccoby e Martin propuseram um modelo teórico de estilos parentais que focou novamente as dimensões fulcrais nas práticas educativas, sendo

estas a responsividade e a exigência. A primeira diz respeito às atitudes compreensivas por parte dos pais que pretendem, por meio do apoio emocional e da comunicação, desenvolver a autonomia e autoafirmação das crianças. A segunda refere-se às atitudes dos pais que procuram de certa forma controlar a conduta dos filhos, determinando-lhes limites e regras (Costa, Teixeira, & Gomes, 2000).

3.2. Vinculação e Psicopatia

Uma grande variedade de variáveis familiares e contextuais interferem no desenvolvimento de problemas. A maioria destes fatores não tem sido estudada no que diz respeito à psicopatia infantil. No entanto, a história familiar de personalidade antissocial sugere que a ausência ou presença de traços psicopáticos pode ter um impacto significativo sobre o papel que as variáveis contextuais têm no desenvolvimento de problemas de conduta (Frick, 1998; Frick & Ellis, 1999; cit. por Kotler & McMahon, 2005).

A parentalidade ineficaz, como por exemplo, agressividade excessiva, estilos parentais negligentes, disciplina inconsistente e o mau acompanhamento e os ciclos de interação pais-filhos coercitivos têm sido considerados fatores extremamente relevantes na predição de graves problemas (Loeber & Farrington, 2000; Patterson et al., 1998; cit. por Kotler & McMahon, 2005).

A negligência e os problemas de atenção e nos cuidados dos pais em relação aos filhos são fatores centrais da teoria da vinculação. Bowlby referiu que os primeiros seis anos de vida são importantes para a estabilização de uma estrutura da personalidade. Para este autor a vinculação refere-se ao comportamento biologicamente planeado, em que um ser humano se disponibiliza a outro, oferecendo segurança e conforto (Dalbem & Dell’Aglia, 2005; Trentacosta & Shaw, 2008; cit. por Wellausen & Bandeira, 2010).

O insucesso nesta consolidação parental ou nos termos da vinculação, a privação do vínculo afetivo, desencadeiam várias consequências adversas (Wellausen & Bandeira, 2010).

A principal consequência da privação afetiva refere-se à criação de uma personalidade incapaz de afeto, com rigorosos danos na capacidade para criar relações de confiança, amizade e cooperação com outros sujeitos. No que diz respeito à psicopatologia, os problemas desencadeados por esses modelos de

funcionamento podem conduzir a comportamentos psicopáticos através do roubo, da violência e de condutas sexuais perversas (Bowlby, 1988; cit. por Wellausen & Bandeira, 2010).

Relativamente ao ponto de vista ambiental, verificou-se que os problemas relacionados com a falta de supervisão parental, negligência, disciplina punitiva, separação conjugal, ou mesmo pais solteiros, família numerosa, história de delinquência no seio familiar, baixas possibilidades socioeconómicas, rejeição entre os pares, *bullying*, défice de atenção, QI reduzido, abandono escolar e morar em sítios onde acontecem crimes, retratam fatores que provocam o aumento de condutas criminosas (Butler, Fearon, Atkson, & Parker, 2007; Slesnick & Prestopnik, 2004; cit. por Wellausen & Bandeira, 2010).

Apesar de serem afirmadas hipóteses sobre a importância dos primeiros vínculos entre os pais e os filhos para o desenvolvimento de uma personalidade saudável e adequada, não há dúvidas que existem outros fatores que também são fundamentais. As diferenças individuais, as estratégias de coping, a resiliência, o equilíbrio entre os fatores de risco e de proteção e o meio social também contribuem para o desenvolvimento de uma personalidade saudável (De Antoni et al., 2007; cit. por Wellausen & Bandeira, 2010).

As teorias da vinculação sugerem que os pais que rejeitam os filhos ou as famílias disfuncionais produzem crianças insensíveis, incapazes de desenvolver relações próximas, com pouca empatia e suscetíveis de ofender os outros. Várias teorias supõem que as crianças são naturalmente egoístas, procurando o prazer e evitar a dor, e que a socialização é fundamental para tornar as crianças mais civilizadas (Farrington, 2005).

A educação de um filho não planeada reflete-se numa luta permanente, da qual a instabilidade parental fará parte deste processo, demonstrando a má qualidade da interação pais-filhos, e a experiência de formas particulares de estilos parentais contribuirá fortemente para que o desenvolvimento da criança seja caracterizado pelo baixo autocontrolo ou condutas hostis que incluam a agressividade. A ausência de normas e orientações básicas na evolução de uma criança representa a vulnerabilidade por parte dos pais, o que leva à insegurança da criança (Silva, 2008).

A severidade, dureza, intransigência, violência e gritos por parte dos progenitores, conduzem a comportamentos semelhantes nos filhos, que desde muito cedo vêm nos

pais um modelo a seguir, cujos esquemas de comportamento não permitem um amadurecimento psicológico ajustado (Silva, 2008).

A ausência de limites e normas estabelecidos pelos pais torna-se uma fragilidade que nos dias de hoje se deteta no processo de crescimento emocional das crianças (Silva, 2008).

Eisenberg, Zhou, Spinrad, Valiente, Fabes e Liew (2005) chegaram à conclusão de que altos níveis de apoio por parte dos progenitores e as estruturas familiares mais próximas estão ligados à menor exteriorização de problemas comportamentais (cit. por Silva, 2008).

No entanto, se estes alicerces não são bastante sustentados, gera-se geralmente uma alteração de comportamento, uma patologia que é caracterizada por condutas antissociais, agressivas e desafiantes, a violação das normas parentais e sociais. As crianças cujo comportamento está perturbado predispõem-se a agir imediatamente, apresentam dificuldades na linguagem, na comunicação, na partilha das suas experiências, e expressar os seus sentimentos, transformando as chamadas de atenção em mau comportamento constante (Silva, 2008).

É fundamental observar que as primeiras relações afetivas das pessoas influenciam o seu comportamento perante a sociedade. Ackerman refere que a dinâmica familiar pode ficar comprometida pela existência de um elemento psicopata. Se houver agressividade na infância, a criança pode desenvolver uma estrutura psicopata (Shine, 2005; cit. por Souza, 2010).

Bowlby (1951) argumentou que se uma criança sofre um período prolongado de privação materna durante os primeiros cinco anos de vida, isto teria consequências negativas irreversíveis, podendo mesmo tornar-se uma pessoa fria e delinquente (cit. por Farrington, 2005).

Os McCords (1964) afirmam que a rejeição dos pais, um pai antissocial, a disciplina errática e a pobre supervisão dos cuidadores influenciam o desenvolvimento da psicopatia (cit. por Farrington, 2005).

3.3. Estudos sobre a vinculação

O objetivo principal da tese de doutoramento de Simões (2011) é defender que os padrões de vinculação criados com os pais e pares podem tornar-se como fatores de

vulnerabilidade risco (contributo positivo) e de vulnerabilidade protetora (contributo negativo) para a criação de traços psicopáticos durante a adolescência.

Perante os resultados, Simões (2011), verificou que existem relações consideráveis entre os padrões de vinculação e os traços de psicopatia. Desta forma, ressaltam como fatores protetores a boa qualidade dos padrões de vinculação, no sentido do aumento da *atenção e comunicação* – amigos, o aumento da *confiança* – pai e da *comunicação* – mãe e como fatores predisponentes para a criação de traços de psicopatia, o padrão *comunicação* – pai (Simões, 2011).

Pacheco, Costa e Figueiredo (2003) realizaram um estudo com o objetivo de avaliar o impacto da qualidade da vinculação em aspetos relevantes da adaptação da mãe adolescente à maternidade, particularmente na qualidade da relação que cria com as figuras significativas, com o terapeuta e com o bebé.

Noutro estudo, Schmidt e Argimon (2009), verificaram as relações presentes entre o tipo de vinculação da mãe, sintomas de ansiedade, depressão e o nível de vinculação materno fetal.

Outra investigação revelou que os pais são capazes de criar uma relação de base segura com os seus filhos. Os resultados também evidenciaram que as crianças com uma vinculação mais segura com a figura paterna têm uma tendência a ter mais amizades recíprocas (Torres, Santos, & Santos, 2008).

O estudo de Silva e Costa (2005) teve como finalidade avaliar a relação entre os estilos de vinculação aos pais e a ansiedade em jovens.

O objetivo principal da investigação Muchata (2011) prende-se com a caracterização e análise dos preditores da representação da vinculação e dos problemas de internalização e de externalização em crianças com idade escolar, filhas de toxicodependentes em recuperação.

Ainda outro estudo, avaliou a forma como a criança usa as figuras significativas como base segura, analisando a especificidade da organização destas condutas nas duas relações. Avalia também a existência de parecenças ou diferenças nas classificações da criança relativamente à mãe e ao pai (Monteiro, Verríssimo, Vaughn, Santos, & Fernandes, 2008).

3.4. Escalas que medem a vinculação

O *Inventory of Parent and Peer Attachment* (IPPA) é uma escala de autorrelato destinada a adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e 18 anos. Neste instrumento são analisados os níveis de confiança, a qualidade da comunicação e a alienação. Este avalia a vinculação em relação aos pais e aos pares. O padrão da confiança analisa o grau de compreensão e respeito mútuo na relação da vinculação. Por outro lado, a comunicação avalia a extensão e a qualidade da comunicação verbal. Por último, a alienação avalia os sentimentos de raiva e alienação interpessoal (Lago, Amaral, Bosa, & Bandeira, 2010).

O *Parenting Stress Index* (PSI) é um instrumento realizado para pais, constituído por 120 itens de autorrelato. Este pode ser aplicado a pais de crianças de um mês a um ano de idade. A sua finalidade é reconhecer áreas problemáticas na relação pais-filho, nomeadamente, pais com necessidades de ajuda e orientação, relações pais-filhos extremamente disfuncionais e crianças com risco de problemas de conduta e emocionais. Este instrumento pode ser usado para avaliar crianças com risco de abuso e em situações de disputa de guarda (Lago, Amaral, Bosa, & Bandeira, 2010).

Por sua vez o *Parental Bonding Instrument* (PBI) foi criado com o objetivo de medir a qualidade da vinculação entre pais e filhos. Assim, o vínculo parental compreende duas dimensões, sendo elas o cuidado e o controlo. A primeira refere-se à afeição, aconchego, empatia, sensibilidade, frieza emocional, indiferença e negligência. A segunda divide-se em dois pólos, sendo o primeiro definido pelo controlo, superproteção, intrusão, contacto excessivo, infantilização, prevenção de comportamento independente. O segundo pólo é definido pela aprovação da independência e autonomia (Lago, Amaral, Bosa, & Bandeira, 2010).

No que se refere ao *Adult Attachment Interview* (AAI), foi elaborada com a finalidade de investigar as representações mentais de vinculação dos pais divulgadas no discurso de linguagem das experiências da infância. O objetivo é analisar a qualidade das interações entre pais e filhos e as relações de vinculação entre os mesmos (Lago, Amaral, Bosa, & Bandeira, 2010).

Outro instrumento que avalia a vinculação é o *Parental Attitude Research Instrument* (PARI), este tem como finalidade analisar as atitudes parentais e procurar o quanto estas se relacionam com o desenvolvimento dos filhos (Lago, Amaral, Bosa, & Bandeira, 2010).

O *Parent-Child Questionnaire* (PCR) foi criado para ser aplicado a indivíduos, tendo em conta o comportamento dos seus pais em relação a eles enquanto crianças (Lago, Amaral, Bosa, & Bandeira, 2010).

Relativamente ao *Parent Behavior Inventory* (PBI), é uma medida breve da conduta parental para ser utilizado com pais de crianças com idade pré-escolar e escolar. Este instrumento pode ser utilizado em forma de autorrelato e ser respondido pelos pais, ou por outros familiares, e pode também ser usada como uma escala observacional (Lago, Amaral, Bosa, & Bandeira, 2010).

A *Escala de Responsividade e Exigência Parental*, por sua vez, é um instrumento de autorrelato, no qual os adolescentes fazem uma avaliação das atitudes e práticas que os seus progenitores para com eles (Lago, Amaral, Bosa, & Bandeira, 2010).

No que diz respeito ao *Teste Aperceptivo Familiar* (FAT), é um instrumento destinado a crianças e adolescentes entre os 6 e 15 anos. A sua finalidade é analisar, do ponto de vista de quem responde ao teste, o método de funcionamento e a estrutura familiar (Lago, Amaral, Bosa, & Bandeira, 2010).

Parte II

*Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.
Fernando Pessoa*

Introdução

Como foi mencionado anteriormente, a presente dissertação é uma réplica do estudo efetuado por Simões (2011). Na segunda parte, pretende-se realizar uma comparação entre os relatos obtidos no estudo da mesma e os alcançados nesta investigação.

Conforme foi referido anteriormente, o principal objetivo da presente dissertação é o de mostrar que na fase da adolescência há fatores de risco que podem levar ao desenvolvimento de traços psicopáticos que dizem respeito às relações interpessoais significativas como a vinculação parental. A parte teórica levou-nos a entender a criação de traços de psicopatia ao longo da adolescência no contexto da vinculação e interação com os pais.

Quando se fala em psicopatia na adolescência há algumas questões que se levantam, nomeadamente se esta existe mesmo nesta faixa etária, se é semelhante à psicopatia no adulto, em que fase do desenvolvimento pode ser identificada, e ainda se este transtorno se deve ao meio onde o sujeito se insere (Salekin, & Lynam, 2010).

As pesquisas da atualidade indicam que as experiências infantis são um fator de risco elevado para o desenvolvimento de quadros psicopatológicos. Um estudo revisão acerca do desenvolvimento de transtornos de personalidade, realizado por Johnson et al., (2005) relacionou várias pesquisas confirmando que crianças e jovens sujeitos a experiências traumáticas (como por exemplo, o abuso físico/psicológico, negligência, doença mental parental, punição excessiva e agressiva) seriam, potencialmente, mais vulneráveis à presença de traços de transtornos de personalidade (Davoglio, Gauer, Jaeger, & Tolotti, 2012).

Desta forma, perante a situação inconclusiva sobre a compreensão da psicopatia na adolescência, recoloca-se a questão num âmbito alargado da teoria da vinculação, considerando o problema da psicopatia, não um traço de personalidade, mas sim uma construção social, ou seja, relaciona-se com as relações interpessoais significativas, tais como, a interação entre pais-filhos e entre amigos (Simões, 2011).

As alterações que se têm vindo a notar nas interações pais-filhos consequentes das transformações que a família tem vindo a passar, têm conduzido a um crescente questionamento sobre o papel dos pais na educação dos filhos. Estas pesquisas têm verificado que o estilo parental influencia várias áreas do desenvolvimento

psicossocial das crianças e adolescentes, nomeadamente, o ajustamento social, a psicopatologia e o desempenho académico (Costa, Teixeira, & Gomes, 2000).

A família é o meio onde a criança começa a usar os valores da inter-relação social que lhe vão marcar os seus padrões de comportamento. A instabilidade a que a criança está sujeita é o foco da problemática e o motivo pelo qual o mundo da criança muitas vezes se desequilibra. (Silva, 2008).

Uma vez que os estudos sobre a psicopatia na adolescência são ainda bastante escassos e controversos, e o facto de os padrões de vinculação influenciarem o desenvolvimento do individuo, torna-se relevante aprofundar e relacionar estas duas temáticas com o intuito de confirmar o que os estudos existentes afirmam, ou obter novas respostas.

Assim, justifica-se a escolha desta faixa etária para a investigação bem como as variáveis traços de psicopatia e padrões de vinculação.

Principal Objetivo

Verificar se a má qualidade da relação de vinculação na adolescência, medida através do IPPA-3, *Confiança*, *Comunicação* e *Atenção/Alienação* é predisponente para o desenvolvimento de traços psicopáticos.

Objetivos específicos

- a) Analisar a relação existente entre os padrões de vinculação criados com os pais e os diferentes padrões de traços de psicopatia
- b) Analisar o contributo da qualidade dos diferentes padrões de vinculação para a formação dos diferentes padrões de psicopatia

Variáveis em estudo

Variáveis independentes: padrões de vinculação obtidos pelo IPPA-3, *Confiança*, *Comunicação* e *Atenção/Alienação*

Variáveis independentes secundárias/ Variáveis sociodemográficas: idade; sexo; rendimento escolar (positivo ou negativo); ano de escolaridade; comportamento escolar; estado civil dos pais;

Variáveis dependentes: traços de psicopatia operacionalizados pelo YPI

Hipóteses

H1: Uma má vinculação aos pais leva ao desenvolvimento de traços de psicopatia

H0: Uma má vinculação aos pais não leva ao desenvolvimento de traços psicopáticos

Metodologia geral

Instrumentos utilizados

Avaliação dos traços de psicopatia

Para avaliação do constructo da psicopatia recorreu-se ao Youth Psychopathic Traits Inventory (YPI). Esta escala foi desenvolvida, originalmente, por um grupo de investigadores suecos (Andershed, Kerr, Sattin & Levander, 2002) com o intuito de avaliar a ocorrência de facetas proto-psicopáticas na população adolescente com idades compreendidas entre os 12-18 anos. O YPI é formado por 10 dimensões que correspondem à descrição clássica da psicopatia, nomeadamente, encanto-desonesto, grandiosidade, mentira, manipulação, ausência de remorsos, frieza e défice emocional, impulsividade, irresponsabilidade e busca de emoções. Por outro lado, a escala ainda se organiza em três facetas, também denominadas por superdimensões: *frieza emocional, manipulação interpessoal e impulsividade* (Simões, Gonçalves, & Lopes, 2010).

O YPI é composto por 50 itens respondidos numa escala Likert de 4 pontos, codificados desde “não se aplica nada” a “aplica-se muito bem” (Andershed et al., 2002).

A escolha deste instrumento de avaliação, deve-se igualmente ao facto de ser apropriado à população adolescente, com um bom ajuste ao modelo teórico da psicopatia, por se tratar de uma escala de autorrelato que possibilita uma aplicabilidade a grandes amostras, e por apresentar itens que são formulados de forma a permitir verificar a insinceridade das respostas, muitas vezes presente devido a uma questão de conveniência social (Simões, Gonçalves, & Lopes, 2010).

Quadro 1. Estrutura fatorial adaptada do YPI.

Superdimensões	Dimensões	Itens
SD1. Grandioso/manipulativo	F1. Sedução desonesta	6, 14, 27, 33, 38
	F2. Grandiosidade	10, 19, 30, 37, 41
	F3. Mentira	7, 24, 43, 47, 50
	F4. Manipulação	11, 15, 20, 31, 46
SD2. Frio e não emocional	F5. Ausência de remorsos	8, 21, 28, 44, 48
	F6. Ausência de emoções	2, 25, 36, 39, 45
	F7. Frieza emocional	12, 17, 23R, 35R, 49R
SD3. Impulsivo e falta de sentido de responsabilidade	F8. Procura de emoções	1, 4, 22, 29, 42
	F9. Impulsividade	3, 9, 18, 26, 32
	F10. Falta de sentido de responsabilidade	5, 13, 16, 34, 40

R – item redigido de forma inversa ao constructo.

A pontuação da escala total do YPI, de cada uma das suas dimensões e superdimensões é obtida através da média das pontuações de cada um dos itens que lhe correspondem, variando entre 1 e 4 pontos, sendo intermédio da escala igual a 2.

Avaliação dos padrões de vinculação

Para avaliar os padrões de vinculação aos pais, foi usado o IPPA-3. Inicialmente o IPPA (Armsden & Greenberg, 1987) destinava-se a adolescentes a partir dos 16 anos de idade, mas era suscetível de ser aplicado a jovens a partir dos 12 anos. Continha 28 itens na subescala dos pais e 25 itens na dos amigos, escritos numa direção positiva ou negativa e com um formato de resposta de escala de Likert em 5 pontos (desde 1=Quase nunca ou nunca verdade a 5=Quase sempre ou sempre verdade) (Simões, 2011).

Desde a sua versão original (1987), esta escala foi submetida a um processo de revisão por Gullone e Robinson (2005), a qual deu origem ao IPPA-R, destinado a pré-adolescentes e a adolescentes mais jovens, entre os 9 e os 15 anos de idade. Nesta revisão foram retirados 3 itens na escala *pais*, passando a escala de medida de 5 para 3 categorias e houve uma simplificação da escrita de 16 dos 28 itens da subescala *pais* e de 14 dos 25 itens da subescala dos *amigos*. Esta alteração não modificou a semântica dos itens (Simões 2011).

Posteriormente, Armsden e Greenberg (2007) realizaram a divisão da escala pais (pai e mãe), uma para analisar a vinculação face à mãe (ou a uma figura análoga) e

outra para avaliar a vinculação face ao pai (ou análogo), futuramente nomeada por IPPA3. esta versão será usada na presente investigação. O IPPA3 é um inventário de autoresposta constituída por 25 itens cotados numa escala de 3 intervalos: nunca (1), às vezes (2) e sempre (3) (Simões, 2011).

Segundo Armsden e Greenberg (2007), esta escala é composta pelos inventários *pai, mãe e amigos* contemplando cada um deles uma composição análoga à do IPPA original: *confiança*, a qualidade de comunicação e atenção/alienação (Simões, 2011).

No entanto, nesta investigação foi retirado o inventário dos amigos uma vez que se pretende avaliar apenas os padrões de vinculação à mãe e ao pai.

A má qualidade de relação de vinculação é explicada, operacionalmente, pela baixa pontuação nos diferentes inventários relativos a cada padrão de interação (IPPA3mãe e IPPA3pai) estatisticamente designados como fatores. Desta forma, a pontuação baixa nos respetivos fatores do IPPA3 terá o seguinte significado: *confiança* *mútua* significando desconfiança; *comunicação* significando disfuncionalidade de *comunicação*; e *atenção* significando *alienação* (Simões, 2011).

Assim, o IPPA3 é um instrumento de medida apropriado para o nosso propósito uma vez que mede as dimensões de *confiança, comunicação, alienação*, consideradas, como potenciais esclarecedoras para o entendimento da psicopatia, contempla variáveis de medida direcionadas aos pais, reconhece a vinculação aos pais nas versões *pai e mãe*, e por fim, *destina-se* a uma população entre os 9 e os 15 anos de idade, sendo suscetível de ser usada até aos 18 anos de idade (Simões, 2011).

O IPPA de Armsden e Greenberg (1987) tem sido um instrumento extremamente utilizado na avaliação da representação da vinculação aos pais, particularmente na adolescência, e tem divulgado boas qualidades psicométricas como é o caso dos estudos de Mikulincer e Shaver (2007) bem como com adolescentes portugueses, através de estudos realizados por Machado e Fonseca (2009), Machado e Oliveira, (2007) Neves, Soares e Silva (1999) (Figueiredo, & Machado, 2010).

Simões (2011), na sua tese de doutoramento, realizou um estudo de adaptação do IPPA original para o IPPA3, utilizando esta última para avaliar os padrões de vinculação aos pais e pares da amostra recolhida. Assim, na presente investigação foi utilizada a versão adaptada por Simões (2011).

Quadro 2. Estrutura fatorial adaptada do IPPA3

Subinventários	Dimensões	Itens
IPPA3 Mãe	Confiança	1, 2, 3R, 4, 10R, 13, 14, 21, 22, 23
	Comunicação	6, 7, 8, 15R, 16, 17, 20, 25, 26
	Alienação	9R, 11R, 12R, 18R, 19R, 24
IPPA3 Pai	Confiança	1, 2, 3R, 4, 10R, 13, 14, 21, 22, 23
	Comunicação	6, 7, 8, 15R, 16, 17, 20, 25, 26
	Alienação	9R, 11R, 12R, 18R, 19R, 24

R – item redigido de forma inversa ao constructo.

A pontuação global de cada inventário e as suas dimensões é obtida através da média das pontuações de cada um dos itens que lhe correspondem, variando entre 1 e 3 pontos, sendo intermédio da escala igual a 1.5. Nas dimensões confiança e comunicação, pontuações elevadas correspondem a elevados níveis de confiança e comunicação. Quanto à dimensão alienação, esta foi cotada de forma inversa de maneira que pontuações elevadas correspondam a níveis baixos de alienação, ou seja, a níveis elevados níveis de atenção. Para facilitar a interpretação dos resultados a dimensão alienação será designada atenção/ alienação.

Procedimento

O estudo ocorreu nos distritos de Vila Real e Viseu. Foram escolhidas duas escolas do ensino regular com o intuito de obter alunos que apresentem um rendimento escolar médio a bom, e duas escolas do ensino profissional, com alunos desistentes do ensino regular devido a dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento e por um rendimento escolar inferior à média.

A execução da investigação foi precedida por um pedido de autorização aos pais por meio do conselho diretivo. Verificou-se uma maior aceitação por parte das escolas profissionais em comparação com as escolas de ensino regular.

É de referir que os diretores e presidentes do local onde foi recolhida a amostra, encarregados de educação, e alunos, tomaram conhecimento sobre o teor da investigação, das condições de participação, e foram informados sobre a máxima confidencialidade dos dados recolhidos.

Após autorização da entidade responsável pelo local de recolha da amostra, os encarregados de educação de cada participante do estudo assinou um termo de consentimento informado, autorizando assim, oficialmente, a colaboração do seu educando na investigação.

Posteriormente, os instrumentos de recolha de dados foram administrados em contexto de sala de aula, em conjunto com um questionário de recolha de dados sociodemográficos. Explicou-se aos alunos os objetivos da investigação e foi salientado o facto de que os dados apenas seriam usados para a finalidade de investigação. Após terem sido lidas as instruções, foi-se percorrendo a sala de aula para o esclarecimento de qualquer dúvida que suscitasse. O tempo de preenchimento na sua totalidade não ultrapassou os 45 minutos.

Sujeitos

Na investigação participaram 428 adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos de idade ($M = 14,68$; $SD = 1,438$). Estes jovens frequentavam escolas do ensino regular ($n=342$) e escolas de ensino profissional ($n=86$). Do total, 230 pertencem ao género feminino e 192 ao género masculino.

Procedimentos Estatísticos

1. Estudo descritivo da amostra

Idade

Na investigação participaram 428 adolescentes com idades compreendidas entre os 12 e os 17 anos ($M = 14,68$; $DP = 1,44$). A idade mais observada é a de 14 anos (27,1%), seguindo-se as de 15 anos (23,1%), 16 anos (15,7%), 17 anos (13,8%), 13 anos (12,9%) e 12 anos (7,5%) (figura 1).

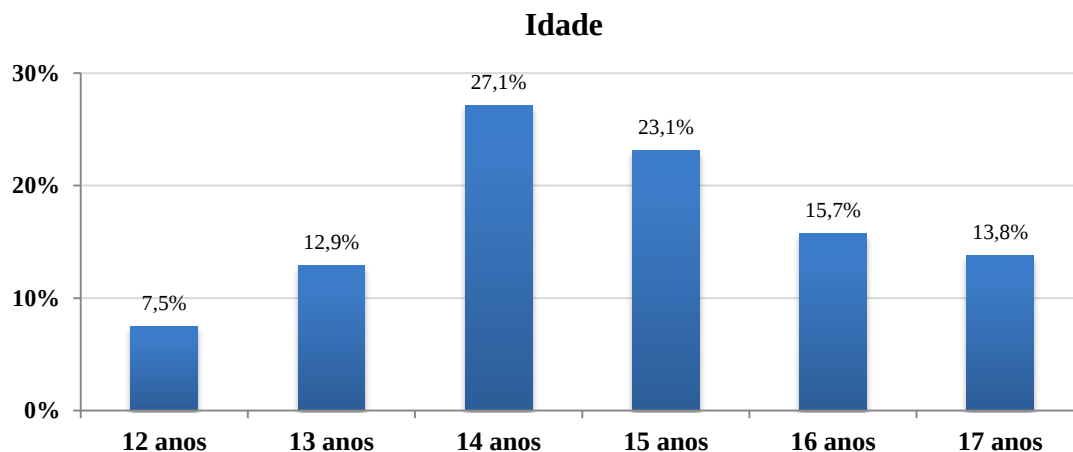


Figura 1 – Distribuição de frequências das idades (N = 428)

Gênero

Dos 428 adolescentes, apenas 422 (6 não respostas) indicaram o gênero e destes, 230 (54,5%) pertencem ao gênero feminino e 192 (45,5%) ao gênero masculino (figura 2).

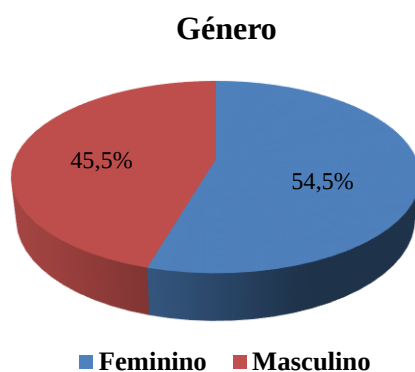


Figura 2 – Distribuição quanto ao gênero (N = 422)

Situação escolar: tipo de ensino, ano frequentado, rendimento escolar, reprovações e comportamento na escola

Dos 428 adolescentes que participaram no estudo, 342 (79,9%) frequentam o ensino regular e 86 (20,1%) o ensino profissional, sendo o ano escolar mais frequente o 9º ano (40,6%) seguindo-se o 10º ano (17,6%), o 8º ano (14,4%), o 7º ano (11,0%), o 6º ano (8,3%), o 11º ano (7,3%) e os 12º e 5º anos com apenas 0,5% e 0,2%, respetivamente (percentagens válidas, excluindo 19 (4,4%) não respostas) (figura 3).

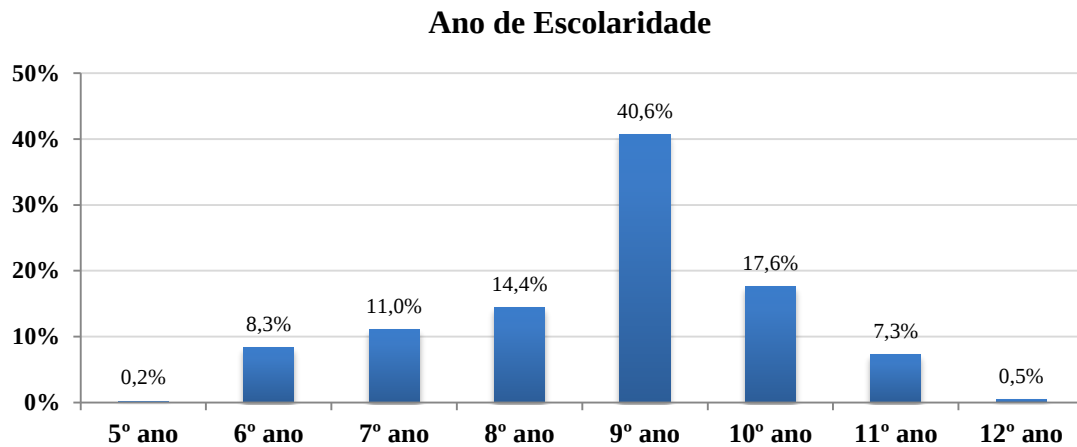


Figura 3 – Distribuição de frequências dos anos de escolaridade (N = 409)

Quanto ao rendimento escolar, a maioria dos adolescentes considera que é positivo (89,4%) e 44 (10,6%) consideram que o seu rendimento é negativo (percentagens válidas, excluindo 14 (3,3%) não respostas) (figura 4).

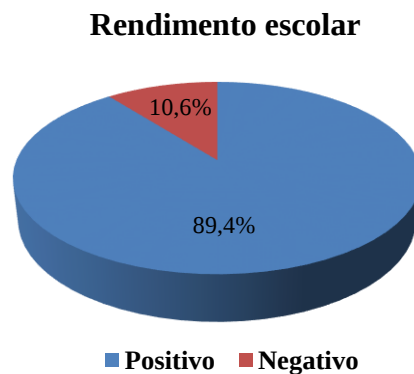


Figura 4 – Distribuição quanto ao rendimento escolar (N = 414)

Dos 428 jovens questionados, 158 (36,9%) afirmaram já ter reprovado de ano, tendo a maior parte reprovado 1 vez (70,9%), seguindo-se os que reprovaram 2 vezes (24,1%), 3 vezes (3,8%), existindo 1 jovem que reprovou 4 vezes e outro que reprovou 5 vezes (figura 5).

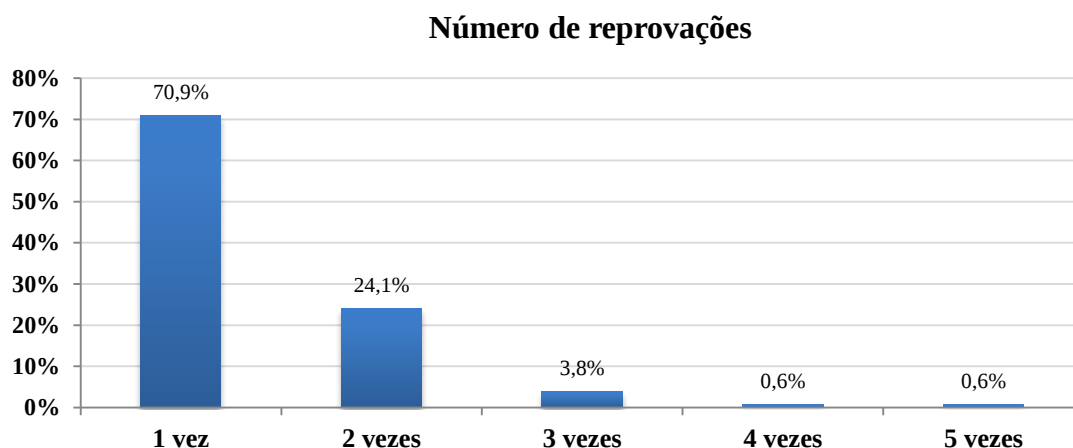


Figura 5 – Distribuição da frequência de reprovações, entre os que reprovaram pelo menos 1 vez (N = 158)

Em termos de comportamento na escola, 76,2% dos alunos consideram ter bom comportamento, 17,3% afirmam ter um comportamento muito bom, 6,3% mau comportamento e apenas 1 (0,2%) reconhece ter um comportamento muito mau (figura 6).

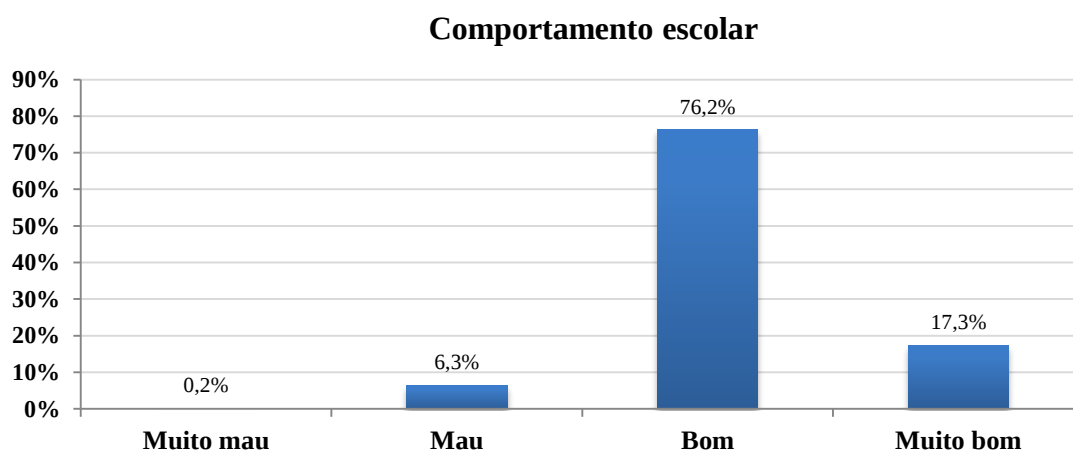


Figura 6 – Distribuição de frequências quanto ao comportamento escolar (N = 428)

Dados familiares dos participantes: estado civil dos pais e com quem residem

Quanto ao estado civil, dos 422 que responderam (6 sem resposta), 81,5% indicam que os pais são casados, 11,0% divorciados, 3,3% vivem em união de facto, e 2,8% indicam viuvez por parte de um dos pais (figura 7).

Dos 47 jovens que indicaram divórcio por parte dos pais, 42 vivem com a mãe, 2 vivem com os avós, 1 com o pai e 1 vive numa instituição de acolhimento. Dos 12

que indicaram viuvez por parte de um dos pais, 10 são relativos ao falecimento do pai e 2 ao falecimento da mãe.

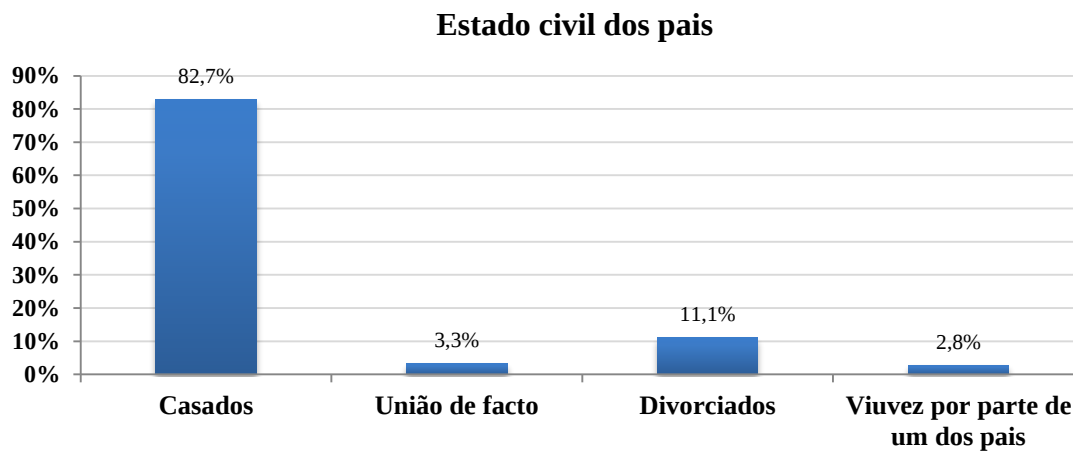


Figura 7 – Distribuição de frequências quanto ao estado civil dos pais (N = 422)

Tendo em consideração os dados sobre com quem residem, 342 (79,9%) afirmam residir com ambos os pais, 48 (11,2%) com a mãe, 13 (3,0%) vivem com outros familiares/pessoas, 10 (2,3%) vivem com um dos pais e a nova família, 9 (2,1%) vivem numa instituição, e 6 (1,4%) vivem apenas com o pai (figura 8).

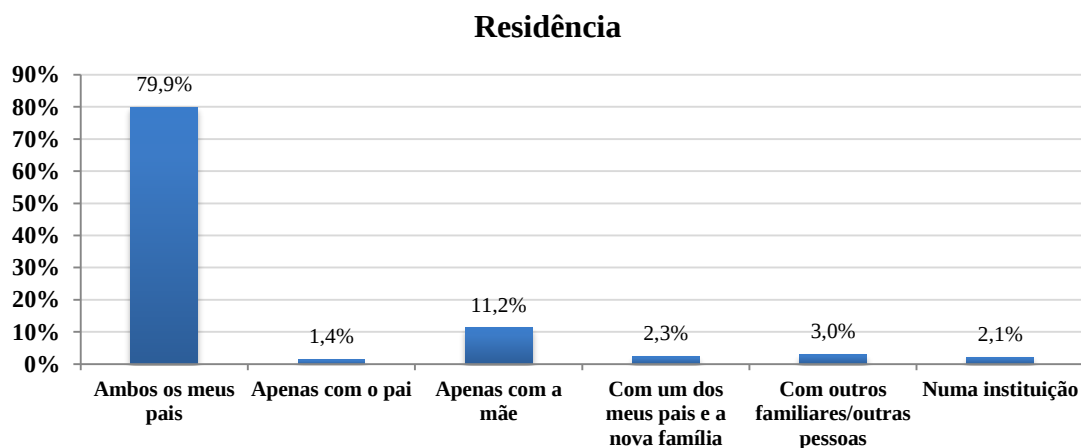


Figura 8 – Distribuição de frequências quanto às pessoas com quem residem (N = 428)

O estudo descritivo da amostra foi feito através das frequências absolutas e/ou relativas, apresentadas em tabelas ou gráficos, para as variáveis qualitativas, e através da média, desvio-padrão, valor mínimo e máximo, no caso das variáveis quantitativas.

Em relação aos instrumentos utilizados, YPI e IPPA3, foram analisadas as correlações item-total corrigidas e o coeficiente de consistência interna Alfa de Cronbach, sendo considerados os valores de referência: Alfa de Cronbach muito bom $> .90$; bom de $.90$ a $.80$; razoável de $.80$ a $.70$; fraco de $.70$ a $.60$; inadmissível $< .60$ (Pestana, & Gajairo, 2008).

Os resultados das pontuações nas escalas e subescalas foram apresentados através das médias, desvios padrão, coeficientes de variação, valores mínimo e máximo das respostas. Para o coeficiente de variação, que ilustra a dispersão relativa das respostas, foram considerados os seguintes valores de referência: $\leq 15\%$ dispersão fraca; de 15% a 30% dispersão média; $\geq 30\%$ dispersão elevada (Pestana, & Gajairo, 2008).

O estudo da relação entre as escalas e subescalas do YPI e dos subinventários IPPA3 Mãe e IPPA3 Pai foi feito através da análise do coeficiente de correlação de Pearson, sendo considerados os valores de referência: de $.10$ a $.23$ relação de baixo efeito; de $.24$ a $.36$ relação de médio efeito; $\geq .37$ relação de grande efeito (Field, 2009; cit. por Simões, 2011).

Para identificar quais as dimensões dos inventários do IPPA3 Mãe e IPPA3 Pai, que predizem os níveis do YPI, foram construídos modelos de regressão linear múltipla com a entrada das variáveis independentes (dimensões dos subinventários IPPA Mãe e IPPA Pai) em bloco, tendo como variável dependente o YPI. O pressuposto da normalidade da distribuição dos resíduos, para a aplicação da regressão linear múltipla, foi verificado através da observação dos histogramas e dos *Normal PP Plot* dos resíduos estandardizados, sendo o pressuposto validado se os histogramas apresentarem uma forma próxima da curva normal e os pontos dos *Normal PP Plot* estiveram próximos da diagonal principal (Pestana, & Gajairo, 2008).

A homogeneidade das variâncias (homocedasticidade) dos resíduos foi verificada através da observação do diagrama de dispersão dos valores observados versus valores previstos, sendo confirmada quando os resíduos se mantêm constantes em relação ao eixo horizontal zero, não mostrando tendência crescente ou decrescente (Pestana, & Gajairo, 2008). Para diagnosticar eventuais problemas de multicolinearidade entre as variáveis independentes, foram analisados o VIF (*Variance Inflation Factor*) e a tolerância. Segundo Pestana e Gajairo (2008), o valor de tolerância normalmente considerado como o limite abaixo do qual há

multicolinearidade é 0.1. Quanto ao VIF, quanto mais próximo de zero estiver, menor será a multicolinearidade, sendo o valor 10 o limite acima do qual existe multicolinearidade.

Foi considerado o nível de significância de 5% para a tomada de decisão quanto aos resultados dos testes estatísticos.

2. Análise da fidedignidade dos resultados do IPPA3 Mãe e IPPA3 Pai

A análise dos valores do Alfa de Cronbach e das correlações item-total corrigidas revelaram a existência de baixas correlações do item 10 (“A/O minha/meu Mãe/Pai espera demasiado de mim”), tanto no subinventário IPPA3 Mãe (.048), fazendo o Alfa de Cronbach da dimensão confiança subir de .808 para .848, como no subinventário IPPA3 Pai (.004), fazendo o Alfa de Cronbach da dimensão confiança subir de .871 para .907. Resultados semelhantes foram obtidos por Simões (2011) no estudo de validação do IPPA3 e tal como a autora nessa investigação, a opção foi a supressão desse item da análise.

Retirado o item 10, os índices de fidedignidade do inventário IPPA3 Total Mãe e IPPA3 Total Pai, traduzem-se numa elevada consistência interna com valores de Alfa de Cronbach de .913 e .935, respetivamente. As dimensões confiança e comunicação apresentam uma fidedignidade boa, tanto no inventário IPPA3 Mãe ($\alpha = .848$ e $\alpha = .851$, respetivamente) como no inventário IPPA3 Pai ($\alpha = .907$ e $\alpha = .890$, respetivamente). A dimensão atenção/alienação apresenta níveis de consistência interna fracos tanto no inventário IPPA3 Mãe ($\alpha = .677$) como no inventário IPPA3 Pai ($\alpha = .669$) (tabela 1).

Tabela 1. Valores de fidedignidade dada pelo Alfa de Cronbach, relativos aos subinventários do IPPA3 (depois de removido o item 10)

	IPPA3 Mãe	IPPA3 Pai
IPPA3 Total (24 itens)	.913	.935
Confiança (9 itens)	.848	.907
Comunicação (9 itens)	.851	.890
Atenção/alienação (6 itens)	.677	.669

2.1. Análise da fidedignidade dos resultados obtidos do YPI

Quanto à análise de fidedignidade dos resultados, o YPI considerado globalmente apresenta o índice de Cronbach correspondente a uma elevada fidedignidade ($\alpha = .936$). Considerando as 3 superdimensões, a superdimensão grandioso/manipulativo tem um elevado nível de consistência interna ($\alpha = .936$) e as superdimensões frio e não emocional e impulsivo/falta de sentido de responsabilidade têm valores de Alfa de Cronbach correspondentes a uma razoável ($\alpha = .751$) e boa ($\alpha = .832$) fidedignidade, respetivamente.

Considerando as 10 dimensões, apenas uma (frieza emocional) apresenta uma fidedignidade dos resultados muito fraca ($\alpha = .449$), valor semelhante ao obtido por Simões (2011). Todas as outras apresentam índices de Cronbach superiores a .60 (tabela 2).

Tabela 2. Valores de fidedignidade dada pelo Alfa de Cronbach, relativos à escala YPY Total, às suas dimensões e superdimensões

	Alfa de Cronbach
YPI Total (50 itens)	.936
Grandioso/manipulativo (20 itens)	.932
Sedução desonesta (5 itens)	.816
Grandiosidade (5 itens)	.742
Mentira (5 itens)	.773
Manipulação (5 itens)	.792
Frio e não emocional (15 itens)	.751
Ausência de remorsos (5 itens)	.653
Ausência de emoções (5 itens)	.602
Frieza emocional (5 itens)	.449
Impulsivo e falta de sentido de responsabilidade (15 itens)	.832
Procura de emoções (5 itens)	.657
Impulsividade (5 itens)	.626
Falta de sentido de responsabilidade (5 itens)	.712

Resultados

1. Análise da média, desvio-padrão e coeficiente de variação das dimensões IPPA3 Mãe e IPPA3 Pai

Na tabela 3 apresentam-se as médias, os desvios padrão, os coeficientes de variação, os valores mínimo e máximo das respostas, por subinventário e por cada dimensão do IPPA3.

Os valores das médias situam-se todos acima do valor intermédio da escala de resposta, variando entre o 2.25 (comunicação-pai e atenção/alienação-pai) e 2.72 (confiança-mãe). Observa-se também que as médias das respostas do inventário IPPA3 Mãe são superiores às correspondentes do inventário IPPA3 Pai, apresentando menor dispersão. Os coeficientes de variação variam entre 12% e 17% nas dimensões do IPPA3 Mãe e entre 17% e 21% nas dimensões do IPPA3 Pai.

Tabela 3. Análise da média, desvio-padrão e coeficiente de variação do Inventário IPPA3 Mãe e IPPA3 Pai

Dimensão	N	Média	Desvio-padrão	Coeficiente de variação	Mínimo	Máximo
IPPA3 Mãe	424	2.53	0.33	13%	1.13	3.00
Confiança	424	2.72	0.34	12%	1.00	3.00
Comunicação	424	2.45	0.39	16%	1.00	3.00
Atenção/alienação	424	2.35	0.40	17%	1.17	3.00
IPPA3 Pai	416	2.37	0.40	17%	1.00	3.00
Confiança	416	2.57	0.45	17%	1.00	3.00
Comunicação	416	2.25	0.47	21%	1.00	3.00
Atenção/alienação	416	2.25	0.41	18%	1.00	3.00

1.1. Análise da média, desvio-padrão e coeficiente de variação das Superdimensões e Dimensões do YPI

Na tabela 4 apresentam-se as médias, os desvios padrão, os coeficientes de variação, os valores mínimo e máximo das respostas do YPI Total e das suas dimensões e superdimensões.

Apenas a dimensão “ausência de remorsos” tem valor médio inferior ao valor intermédio da escala de resposta, sendo a dimensão “procura de emoções” a que tem média superior ($M = 2.70$; $DP = 0.58$). As 3 superdimensões têm valores médios próximos entre si e ligeiramente acima valor intermédio da escala de resposta: “impulsivo e falta de sentido de responsabilidade” ($M = 2.08$; $DP = 0.50$), “grandioso/manipulativo” ($M = 2.05$; $DP = 0.55$) e “frio e não emocional” ($M = 2.04$; $DP = 0.64$). Quanto ao coeficiente de variação, existe uma dispersão média a elevada, entre os 19% (YPI Total e sedução desonesta) e os 32% (mentira, frio e não emocional e ausência de remorsos).

Tabela 4. Análise da média, desvio-padrão e coeficiente de variação das Superdimensões e Dimensões do YPI

Dimensão/superdimensão	N	Média	Desvio-padrão	Coeficiente de variação	Mínimo	Máximo
YPI Total	427	2.19	0.42	19%	1.20	3.76
SD1. Grandioso/manipulativo	427	2.05	0.55	27%	1.00	4.00
F1. Sedução desonesta	427	2.15	0.41	19%	1.00	3.43
F2. Grandiosidade	427	2.42	0.50	21%	1.07	3.87
F3. Mentira	427	2.09	0.67	32%	1.00	4.00
F4. Manipulação	427	2.11	0.62	29%	1.00	4.00
SD2. Frio e não emocional	427	2.04	0.64	32%	1.00	4.00
F5. Ausência de remorsos	427	1.97	0.64	32%	1.00	4.00
F6. Ausência de emoções	427	2.11	0.56	27%	1.00	4.00
F7. Frieza emocional	427	2.25	0.53	23%	1.00	4.00
SD3. Impulsivo e falta de sentido de responsabilidade	427	2.08	0.50	24%	1.00	4.00
F8. Procura de emoções	427	2.70	0.58	21%	1.00	4.00
F9. Impulsividade	427	2.42	0.57	24%	1.00	4.00
F10. Falta de sentido de responsabilidade	427	2.13	0.65	31%	1.00	4.00

2. Correlações bivariadas entre o YPI e IPPA3 Mãe

Como resposta ao objetivo específico *a)*, foram realizadas correlações bivariadas entre o YPI e IPPA3 mãe e o YPI e IPPA3 mãe, com o intuito de analisar a relação existente entre os padrões de vinculação estabelecidos com os pais e os diferentes padrões de traços de psicopatia.

Como se pode ver na tabela 5, para o YPI total e os seus fatores de primeira ordem e de segunda ordem verificam-se correlações estatisticamente significativas negativas com a escala IPPA3 Mãe total e todos os seus fatores, para 34 das 56 correlações possíveis, variando entre $-.096$ (baixo efeito) e $-.258$ (efeito médio), o que significa que quanto maior é a pontuação nas dimensões do IPPA3 mãe, menores serão os índices de psicopatia, medidos pelo YPI e respetivas dimensões. Contudo, os valores de correlação com significância estatística representam um efeito de pequena/média magnitude.

No estudo de Simões (2011) verificaram-se resultados muito semelhantes quanto à correlação entre o YPI e o IPPA3 mãe. Também foram encontradas correlações

estatisticamente negativas em grande parte das correlações possíveis, o que quer dizer que quem optem valores mais elevados no YPI total e respetivas dimensões, apresenta valores menores na qualidade de relação com a mãe.

Tabela 5. Valores de Correlação Bivariada entre YPI e IPPA3 Mãe

Dimensão/superdimensão	IPPA3 Mãe			
	Total	Confiança	Comunicação	Atenção/alienação
YPI Total	-.164**	-.112*	-.096*	-.256**
SD1. Grandioso/manipulativo	-.104*	-.066	-.037	-.206**
F1. Sedução desonesta	-.063	-.047	.006	-.158**
F2. Grandiosidade	-.090	-.048	-.058	-.150**
F3. Mentira	-.128**	-.071	-.084	-.205**
F4. Manipulação	-.080	-.061	.003	-.193**
SD2. Frio e não emocional	-.116*	-.044	-.085	-.204**
F5. Ausência de remorsos	-.080	-.014	-.050	-.173**
F6. Ausência de emoções	-.120*	-.054	-.111*	-.162**
F7. Frieza emocional	-.067	-.031	-.034	-.131**
SD3. Impulsivo e falta de sentido de responsabilidade	-.216**	-.185**	-.147**	-.252**
F8. Procura de emoções	-.128**	-.113*	-.108*	-.114*
F9. Impulsividade	-.188**	-.161**	-.109*	-.246**
F10. Falta de sentido de responsabilidade	-.213**	-.180**	-.143**	-.258**

N = 423; ** p<.01; * p<.05

2.1. Correlações bivariadas entre o YPI e IPPA3 Pai

Como se pode ver na tabela 6, para o YPI total e os seus fatores de primeira ordem e de segunda ordem verificam-se correlações estatisticamente significativas negativas com a escala IPPA3 Pai total e todos os seus fatores, para 27 das 56 correlações possíveis, variando entre -.118 e -.227, o que significa que quanto maior é a pontuação nas dimensões do IPPA3 pai, menores serão os índices de psicopatia, medidos pelo YPI e respetivas dimensões. Contudo, os valores de correlação com significância estatística representam um efeito de baixa magnitude. É possível verificar que a dimensão *atenção/alienação* é a que apresenta mais correlações estatisticamente significativas.

De igual modo no estudo de Simões (2011) pode verificar-se que é a dimensão *atenção/alienação* a que regista mais correlações estatisticamente significativas.

Assim, a dimensão *atenção/alienação* aparece como a dimensão de maior *vulnerabilidade-protetora* para o surgimento de traços psicopáticos.

Tabela 6. Valores de Correlação Bivariada entre YPI e IPPA3 Pai

Dimensão/superdimensão	IPPA3 Pai			
	Total	Confiança	Comunicação	Atenção/alienação
YPI Total	-.135**	-.148**	-.049	-.201**
SD1. Grandioso/manipulativo	-.064	-.088	.030	-.162**
F1. Sedução desonesta	-.024	-.048	.059	-.122*
F2. Grandiosidade	-.023	-.040	.039	-.093
F3. Mentira	-.118*	-.130**	-.032	-.194**
F4. Manipulação	-.057	-.086	.035	-.149**
SD2. Frio e não emocional	-.074	-.081	-.003	-.152**
F5. Ausência de remorsos	-.097*	-.092	-.043	-.154**
F6. Ausência de emoções	-.055	-.053	-.018	-.101*
F7. Frieza emocional	-.013	-.041	.059	-.091
SD3. Impulsivo e falta de sentido de responsabilidade	-.227**	-.221**	-.183**	-.206**
F8. Procura de emoções	-.168**	-.171**	-.173**	-.075
F9. Impulsividade	-.202**	-.180**	-.165**	-.207**
F10. Falta de sentido de responsabilidade	-.195**	-.199**	-.122*	-.224**

N = 423; ** p<.01; * p<.05

3. Contributo da qualidade de vinculação entre pais e filhos para o YPI total

Como resposta ao objetivo específico *b)*, foi realizada a regressão linear múltipla para determinar o contributo da qualidade dos diferentes padrões de vinculação para a formação dos diferentes padrões de psicopatia.

Para determinar o contributo da qualidade de vinculação entre pais e filhos para o YPI Total, foi realizado um modelo de regressão linear múltipla. Como variável dependente foi considerado o YPI Total e como variáveis independentes os fatores do IPPA3 Mãe e IPPA3 Pai: confiança, comunicação e atenção/alienação.

O modelo (tabela 7) explica cerca de 9.1% de variação no YPI Total, sendo o teste ANOVA significativo ($F(6,411) = 6.761$; $p < .001$).

Os fatores que apresentam significância estatística na predição do YPI são a *atenção/alienação-mãe* ($B = -0.243$; $p = .002$), *confiança-pai* ($B = -0.248$; $p = .004$) e *comunicação-pai* ($B = 0.205$; $p = .011$).

Os sinais negativos dos coeficientes dos fatores *atenção/alienação-mãe* e *confiança-pai* indicam que a falta de qualidade de vinculação entre pais e filhos relacionada com as duas dimensões leva a um aumento de traços de psicopatia. Em relação à *comunicação-pai* acontece o oposto, ou seja, a qualidade de comunicação pai-filho assume relevo como preditor no sentido do aumento de traços de psicopatia.

No estudo de Simões (2011) também é possível verificar este facto, ou seja, quanto melhor for a comunicação com o pai mais probabilidade existe de vir a desenvolver traços de psicopatia, tornando-se assim este padrão um fator de *vulnerabilidade-risco*.

Tabela 7. Análise de Regressão Múltipla para a variável do YPI Total predito a partir dos fatores do IPPA3 Mãe e IPPA3 Pai

	Coeficientes não estandardizados		Coeficiente estandardizado	Teste de significância dos coeficientes	
	B	Erro padrão	β	p	
Constante	2.895	.179		16.131	<.001
Confiança (mãe)	0.092	.100	.073	0.921	.357
Comunicação (mãe)	-0.049	.089	-.045	-0.550	.583
Atenção/alienação (mãe)	-0.243	.079	-.230	-3.085	.002
Confiança (pai)	-0.248	.084	-.260	-2.934	.004
Comunicação (pai)	0.205	.080	.227	2.551	.011
Atenção/alienação (pai)	-0.041	.080	-.039	-0.518	.605
Modelo	Variável dependente: YPI Total R = .302; R ² = .091; R ² ajustado = .078 F(6, 411) = 6.761; p < .001				

3.1. Contributo da qualidade de vinculação entre pais e filhos para o YPI grandioso/manipulativo

Para determinar o contributo da qualidade de vinculação entre pais e filhos para o YPI grandioso/manipulativo, foi realizado um modelo de regressão linear múltipla. Como variável dependente foi considerado o YPI grandioso/manipulativo e como variáveis independentes os fatores do IPPA3 Mãe e IPPA3 Pai: confiança, comunicação e atenção/alienação.

O modelo (tabela 8) explica cerca de 8% de variação no YPI grandioso/manipulativo, sendo o teste ANOVA significativo ($F(6,405) = 5.886$; $p < .001$).

O fator com maior contributo para a predição do YPI grandioso/manipulativo é a comunicação-pai ($B = 0.363$; $p = .001$), indicando que o aumento da qualidade de comunicação pai-filho leva a um aumento de traços de psicopatia, na dimensão grandioso/manipulativo. Em relação à qualidade de vinculação com o pai, também o fator confiança-pai é um preditor significativo ($B = -0.324$; $p = .003$), mas em sentido inverso, ou seja, a degradação da qualidade da confiança pai-filho leva a um aumento da pontuação no fator dimensão YPI grandioso/manipulativo. Em relação à vinculação com a mãe, apenas o fator atenção/alienação-mãe é significativo ($B = -0.251$; $p = .015$), sugerindo que a falta de atenção por parte da mãe provoca um aumento de traços de psicopatia, na dimensão grandioso/manipulativo.

Tabela 8. Análise de Regressão Múltipla para a Variável do YPI grandioso/manipulativo predito a partir dos fatores do IPPA3 Mãe e IPPA3 Pai

	Coeficientes não estandardizados		Coeficiente estandardizado	Teste significância de dos coeficientes	
	B	Erro padrão	β	t	p
Constante	2.695	.234		11.517	<.001
Confiança (mãe)	0.102	.131	.062	0.782	.435
Comunicação (mãe)	-0.042	.117	-.029	-0.358	.721
Atenção/alienação (mãe)	-0.251	.103	-.184	-2.450	.015
Confiança (pai)	-0.324	.110	-.263	-2.947	.003
Comunicação (pai)	0.363	.105	.311	3.471	.001
Atenção/alienação (pai)	-0.097	.104	-.071	-0.934	.351
Modelo	Variável dependente: YPI grandioso/manipulativo $R = .283$; $R^2 = .080$; R^2 ajustado = .067 $F(6, 405) = 5.886$; $p < .001$				

3.2. Contributo da qualidade de vinculação entre pais e filhos para o YPI frio e não emocional

Para determinar o contributo da qualidade de vinculação entre pais e filhos para o YPI frio e não emocional, foi realizado um modelo de regressão linear múltipla. Como variável dependente foi considerado o YPI frio e não emocional e como

variáveis independentes os fatores do IPPA3 Mãe e IPPA3 Pai: confiança, comunicação e atenção/alienação.

O modelo (tabela 9) explica cerca de 7% de variação no YPI frio e não emocional, sendo o teste ANOVA significativo ($F(6,405) = 5.115$; $p < .001$).

O único fator sem capacidade preditora significativa é o fator atenção/alienação-pai ($B = -0.065$; $p = .407$). Respeitante à vinculação com o pai, a diminuição da pontuação no fator confiança-pai leva ao aumento da pontuação no YPI frio e não emocional ($B = -0.196$; $p = .018$), acontecendo o inverso no fator comunicação-pai ($B = 0.218$; $p = .006$). Quanto à vinculação com a mãe, o aumento da confiança mãe-filho leva a um aumento dos traços de psicopatia na dimensão frio e não emocional ($B = 0.242$; $p = .014$), acontecendo o oposto com os fatores comunicação-mãe ($B = -0.186$; $p = .034$) e atenção/alienação-mãe ($B = -0.186$; $p = .016$), significando que a diminuição da comunicação e da atenção mãe-filho provoca um aumento dos traços de psicopatia na dimensão frio e não emocional.

Tabela 9. Análise de Regressão Múltipla para a Variável do YPI frio e não emocional predito a partir dos fatores do IPPA3 Mãe e IPPA3 Pai

	Coeficientes não estandardizados		Coeficiente estandardizado	Teste significância de coeficientes	
	B	Erro padrão	β	t	p
Constante	2.536	.176		14.438	<.001
Confiança (mãe)	0.242	.098	.198	2.471	.014
Comunicação (mãe)	-0.186	.088	-.176	-2.122	.034
Atenção/alienação (mãe)	-0.186	.077	-.182	-2.412	.016
Confiança (pai)	-0.196	.083	-.212	-2.368	.018
Comunicação (pai)	0.218	.079	.250	2.779	.006
Atenção/alienação (pai)	-0.065	.078	-.064	-0.829	.407
Modelo	Variável dependente: YPI frio e não emocional $R = .265$; $R^2 = .070$; R^2 ajustado = .057 $F(6, 405) = 5.115$; $p < .001$				

3.3. Modelo de regressão linear múltipla com a superdimensão YPI impulsivo e falta de sentido de responsabilidade como variável dependente e os fatores do IPPA3 Mãe e IPPA3 Pai como variáveis independentes

Para determinar o contributo da qualidade de vinculação entre pais e filhos para o YPI impulsivo e falta de sentido de responsabilidade, foi realizado um modelo de regressão linear múltipla. Como variável dependente foi considerado o YPI impulsivo e falta de sentido de responsabilidade e como variáveis independentes os fatores do IPPA3 Mãe e IPPA3 Pai: confiança, comunicação e atenção/alienação.

O modelo (tabela 10) explica cerca de 9.2% de variação no YPI impulsivo e falta de sentido de responsabilidade, sendo o teste ANOVA significativo ($F(6,405) = 6.817$; $p < .001$).

O único fator significativo na predição do YPI impulsivo e falta de sentido de responsabilidade é a atenção/alienação-mãe ($B = -0.280$; $p = .002$), indicando que a falta de atenção por parte da mãe leva a um aumento da impulsividade e falta de responsabilidade. O fator confiança-pai aponta no mesmo sentido, estando no limite da significância estatística ($B = -.191$; $p = .052$).

Tabela 10. Análise de Regressão Múltipla para a Variável do YPI impulsivo e falta de sentido de responsabilidade predito a partir dos fatores do IPPA3 Mãe e IPPA3 Pai

	Coeficientes não estandardizados		Coeficiente estandardizado	Teste significância coeficientes	
	B	Erro padrão	β	t	p
Constante	3.514	.208		16.862	<.001
Confiança (mãe)	-0.073	.116	-.050	-0.630	.529
Comunicação (mãe)	0.075	.104	.059	0.718	.473
Atenção/alienação (mãe)	-0.280	.091	-.228	-3.064	.002
Confiança (pai)	-0.191	.098	-.172	-1.945	.052
Comunicação (pai)	-0.022	.093	-.021	-0.240	.810
Atenção/alienação (pai)	0.052	.093	.042	0.559	.577
Modelo	Variável dependente: YPI impulsivo e falta de sentido de responsabilidade R = .303; $R^2 = .092$; R^2 ajustado = .078 $F(6, 405) = 6.817$; $p < .001$				

No modelo de regressão linear múltipla realizado por Simões (2011) na sua investigação, também apresenta resultados semelhantes, verificando-se que todos os padrões de vinculação do IPPA3 pai são preditores significantes relativamente à variância nos traços psicopáticos, sendo o mais relevante o padrão *comunicação*- pai. Por outro lado, no IPPA3 mãe apenas a *comunicação* é um preditor significativo.

4. Pressupostos dos modelos de regressão linear

Os pressupostos para a realização da regressão linear múltipla foram atendidos nos 4 modelos conduzidos. Foi atendido o pressuposto da normalidade dos resíduos, com os histogramas a apresentarem formas próximas da curva normal e os pontos dos *Normal PP Plot* muito próximos da diagonal principal. Os diagramas de dispersão dos valores observados versus valores previstos mostraram que os resíduos se mantêm constantes em relação ao eixo horizontal zero, não mostrando tendência crescente ou decrescente, confirmando o pressuposto da homogeneidade das variâncias dos resíduos. Os valores da tolerância variaram entre .283 e .405 e os do VIF entre 2.471 e 3.529, indicando a inexistência de problemas de multicolinearidade.

Discussão geral e conclusão

O tema central da presente dissertação é a relação entre a vinculação e a psicopatia. Entre as várias vertentes teóricas explicativas da construção da psicopatia arrogamos a defesa de que esta é o resultado de um transtorno do processo de desenvolvimento, realçando a importância dos padrões de vinculação parental. Para esta faixa etária, adotamos como objeto de investigação os padrões de vinculação que presidem ao estabelecimento de representações do outro na base da *confiança*, na disponibilidade de *comunicação* e de *atenção*.

Desta forma, os padrões de vinculação atrás mencionados foram definidos como variáveis independentes e como preditores para o desenvolvimento de traços de psicopatia (variáveis dependentes). Assim, os primeiros foram operacionalizados pelo instrumento IPPA3 e os segundos pelo inventário YPI.

Na análise dos resultados, a primeira observação a ser mencionada diz respeito ao número de correlações significativas entre os vários padrões de vinculação IPPA3 mãe, pai e os indicadores de traços de psicopatia, nomeadamente, o YPI e respetivas dimensões. Considerando o IPPA3 mãe, podem observar-se 34 das 56 correlações possíveis. Para o IPPA3 pai observam-se 27 das 56 correlações possíveis.

Em comparação com os dados de Simões (2011), estes evidenciam que para o IPPA3 mãe se verificaram 42 de 56 correlações possíveis e para o IPPA3 pai observaram-se 22 de 56 correlações possíveis. As correlações positivas favoráveis para o surgimento de traços psicopáticos verificaram-se entre o padrão *comunicação* e as dimensões *grandiosidade*, *manipulação* e *ausência de emoções* do YPI.

No subinventário da mãe, encontraram-se correlações estatisticamente significativas negativas na maior parte das correlações possíveis, o que significa que para quem regista maiores valores no inventário de psicopatia (YPI) e respetivas dimensões, regista menores valores na qualidade de relação com a mãe IPPA3 e respetivos padrões. No entanto, como os valores de correlação com significação estatística apresentam um efeito de pequena magnitude, pode afirmar-se que quanto maior for a pontuação nas dimensões do IPPA3 mãe menores serão os índices de psicopatia, medidos pelo YPI e as suas respetivas dimensões.

Relativamente ao subinventário do pai, é possível verificar que a dimensão atenção/alienação, é a que evidencia um maior número de correlações

estatisticamente significativas com as dimensões e superdimensões do YPI. Assim, pode afirmar-se que essas correlações são negativas, o que significa que a uma diminuição dos valores no padrão de vinculação *atenção* corresponde a um aumento dos valores nos traços de psicopatia.

Considerando o modelo de regressão linear múltipla para averiguar o contributo dos padrões de vinculação entre pais e filhos para a criação de traços de psicopatia para o YPI total sobressai uma maior importância da relação paterna. Assim, os padrões *confiança* e a *atenção* contribuem de forma negativa e o padrão *comunicação* contribui de forma positiva para o desenvolvimento de traços psicopáticos. Portanto, enquanto que os padrões *confiança* e *atenção* indicam uma influência protetora da psicopatia, o padrão *comunicação* aparece como um fator favorável, facto este só compreendido se for relacionada com uma comunicação disfuncional com a figura paterna.

Na investigação de Simões (2011) também se regista o contributo dos padrões de vinculação parental para a formação de traços psicopáticos, sobressaindo, assim, a maior importância da relação paterna. Desta forma, os padrões *confiança* e *atenção* contribuem de forma negativa e o padrão *comunicação* de forma positiva para a variância na magnitude do indicador de psicopatia. Assim, os padrões *confiança* e *atenção* tornam-se fatores protetores da psicopatia e o padrão *comunicação* aparece como um fator favorável ao desenvolvimento de traços de psicopatia.

Por sua vez, também é possível verificar que o nível de *confiança* em relação à figura materna se apresenta como um fator favorável para o desenvolvimento de traços de psicopatia. Por outro lado, os níveis *comunicação* e *atenção* indicam uma influência protetora no caso da mãe.

No estudo de Simões (2011) também se verifica que o padrão *comunicação*, relativamente à vinculação materna, é um fator protetor.

Através do modelo de regressão linear múltipla determinou-se o contributo da qualidade de vinculação entre pais e filhos em relação às superdimensões do YPI. Relativamente à superdimensão grandioso/manipulativo, o fator com maior contributo para a predição do YPI grandioso/manipulativo é a *comunicação*-pai, indicando que o aumento da qualidade de comunicação pai-filho leva a um aumento de traços de psicopatia, na dimensão grandioso/manipulativo. Em relação à qualidade de vinculação com o pai, também o fator *confiança*-pai é um preditor significativo, mas em sentido inverso, ou seja, a degradação da qualidade da *confiança* pai-filho

leva a um aumento da pontuação no fator dimensão YPI grandioso/manipulativo. Em relação à vinculação com a mãe, apenas o fator *atenção/alienação-mãe* é significativo sugerindo que a falta de atenção por parte da mãe provoca um aumento de traços de psicopatia, na dimensão grandioso/manipulativo.

Por sua vez, na superdimensão frio e não emocional o único fator sem capacidade preditora significativa é o fator *atenção/alienação-pai*. Respeitante à vinculação com o pai, a diminuição da pontuação no fator *confiança-pai* leva ao aumento da pontuação no YPI frio e não emocional, acontecendo o contrário no fator *comunicação-pai*. Quanto à vinculação com a mãe, o aumento da *confiança* mãe-filho leva a um aumento dos traços de psicopatia na dimensão frio e não emocional, acontecendo o oposto com os fatores *comunicação-mãe* e *atenção/alienação-mãe*, significando que a diminuição da comunicação e da atenção mãe-filho provoca um aumento dos traços de psicopatia na dimensão frio e não emocional.

Simões (2011) também verificou que o padrão *confiança-mãe* tem um efeito predisponente relativamente à superdimensão frio e não emocional. Por sua vez, o padrão *comunicação-mãe* tem um efeito protetor nesta superdimensão. No que diz respeito à relação paterna, também ressalta o padrão *comunicação-pai* por criar um efeito de *vulnerabilidade-risco* nesta mesma superdimensão.

Por último, na superdimensão impulsivo e falta de sentido de responsabilidade o único fator significativo é a *atenção/alienação-mãe*, indicando que a falta de atenção por parte da mãe leva a um aumento da impulsividade e falta de responsabilidade. O fator *confiança-pai* aponta no mesmo sentido, estando no limite da significância estatística.

Simões (2011) registou que o padrão *comunicação-mãe* produz efeito na superdimensão impulsivo e falta de sentido de responsabilidade.

Perante as semelhanças entre os resultados deste estudo e do estudo de Simões (2011), podemos comprovar a robustez dos instrumentos.

Examinando estes resultados, podemos responder ao objetivo principal desta investigação, afirmando que a má qualidade da relação de vinculação na adolescência é predisponente para o desenvolvimento de traços de psicopatia. Assim, não se rejeita a H1, rejeitando-se a H0.

Analisando no seu conjunto o que foi referido atrás, cremos estar em condições de comprovar existirem relações significantes entre padrões de vinculação e traços de psicopatia, sobressaindo como fatores protetores a boa qualidade dos padrões de

vinculação, no sentido do aumento da *confiança*-pai e da *comunicação*-mãe e como fatores predisponentes para o desenvolvimento de traços de psicopatia, o padrão *comunicação*-pai e *confiança*-mãe.

Para entender os resultados da presente tese torna-se importante realizar um cruzamento com diferentes pontos de vista que têm sido defendidos até aos dias de hoje. Por exemplo, há autores que sublinham a importância dos fatores genéticos e neurobiológicos enquanto que outros salientam a importância dos pais na formação da personalidade dos filhos bem como na formação dos seus valores e dos seus padrões de interação e de expressão comportamental (Larsson, Viding, & Plomin, 2008).

Já vem de muito longe a importância dada à influência dos pais, pelo que se pode voltar à perspectiva de Freud, a qual foca um compromisso entre as forças do Id e do Superego; remontar a Carol Horney apelando já para as dimensões afetivas; e passando ainda por Maslow, Erikson e Carl Rogers que, sublinharam a relevância dos pais na formação da personalidade dos seus filhos (Simões, 2011).

Relativamente à supremacia da figura materna, surgem as indubitáveis e primordiais investigações de Ainsworth e de Bowlby, que demonstram que a qualidade de vinculação maternal é geradora de padrões fundamentais para todo o desenvolvimento (Simões, 2011).

A alteração da imagem da mulher, nos dias de hoje, assume, juntamente, responsabilidades no seio familiar e profissional, pelo que a imagem do homem tem vindo a modificar-se, pondo-se a ênfase num pai afetuoso e presente no dia-a-dia da criança (Monteiro, Veríssimo, Santos, & Vaughn, 2008).

A vinculação segura à mãe pode relacionar-se com a formação de relações diádicas, determinadas pela proximidade e intimidade provedoras de empatia e conforto emocional, sendo que uma vinculação segura ao pai parece estar ligada ao desenvolvimento de situações de interação com estranhos, provedoras de estimulação e prazer. Desta forma, é possível dizer que uma boa vinculação à figura materna possibilita a criação de laços afetivos de vinculação com outras figuras significativas (Calado, 2008).

A vinculação com a mãe é vista pelos adolescentes como mais segura e afetiva, onde confiam mais para confidenciar os seus problemas e dilemas do dia-a-dia, sendo esta relação mais propícia para a criação da empatia. Por outro lado, a relação com o pai tem como intuito servir atividades mais instrumentais, sendo um contexto

para o desenvolvimento de aspirações profissionais e pessoais (Larose, & Boivini, 1998; cit. por Calado, 2008).

A geração da contemporaneidade julga como mais relevante a capacidade de ser sensível, compreensivo, dialogante e de estar presente na vida do filho. A construção de relações de vinculação na infância é considerada uma tarefa fundamental no desenvolvimento sócio-emocional (Bowlby, 1969/1982; Marvin & Britner, 1999; cit. por Monteiro, Veríssimo, Santos, & Vaughn, 2008).

Atendendo aos outros resultados obtidos, de modo geral, pode considerar-se que os objetivos propostos foram alcançados. julga-se que o estudo contribuiu para o aumento do conhecimento no campo da psicopatia na adolescência que, apesar do interesse que tem vindo a despertar na comunidade científica, é um campo volátil ainda com muito por descobrir.

Limitações metodológicas

Uma das limitações deste estudo foi o facto de algumas escolas contactadas terem dado uma resposta negativa para a recolha dos dados ou por nem sequer terem dado uma resposta.

A amostra de alunos não era oriunda de populações problemáticas pelo que terá limitado o reconhecimento de efeitos de maior magnitude ou de, mesmo, não os identificar.

A realização de entrevistas individuais no processo de recolha de dados podia ter auxiliado no conhecimento mais aprofundado dos adolescentes. Assim, a retenção de variáveis que tivessem possibilitado reconhecer o tipo de relação e interação que os sujeitos mantêm com os seus pais ou figuras significativas poderiam ser úteis.

Mesmo com as limitações enumeradas atrás, cremos ter obtido indicadores viáveis para futuras investigações, e são promotores para a criação de programas de intervenção, de forma a diminuir os fatores de risco.

Como tal, é fundamental criar programas de reeducação parental e intervenções na escola através de atividades que estimulem a expressão de afetos.

Referências Bibliográficas

- Ambiel, R. A. M. (2006). Diagnóstico de psicopatia: a avaliação psicológica no âmbito judicial. *Psico-USF*. 11 (2): 265-266.
- Andershed, H., Kerr, M., Stattin, H., & Levander, S. (2002). Psychopathic traits in non-referred youths: A new assessment tool. In E. Blaauw, & L. Sheridan (Eds.), *Psychopaths: Current International Perspectives* (pp. 131-158). The Hague: Elsevier.
- Calado, F. (2008). *O papel da vinculação ao pai e à mãe na transferência dos componentes de vinculação da adolescência* (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Faculdade de Psicologia e de ciências da educação.
- Cecconello, A. M., De Antoni, C., & Koller, S. H. (2003). Práticas Educativas, Estilos Parentais e Abuso Físico no Contexto Familiar. *Psicologia em Estudo* 8: 45-54.
- Costa, F. T., Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2000). Responsividade e Exigência: Duas escalas para Avaliar Estilos Parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica* 13 (3): 465-473.
- Cleckley, H. M. (1988). *The Mask of Sanity: An attempt to clarify some issues about the so-called psychopathic personality*. Georgia: Emily S. Cleckley.
- Davoglio, T. R. (2012). *Instrumentos de avaliação de traços de personalidade psicopática em jovens sul-brasileiros: evidências de validade* (Tese de Doutorado). Porto Alegre.
- Davoglio, T. R., Gauer, J. C., Jaeger, J. V. H., & Tolotti, M. D. (2012). Personalidade e psicopatia: implicações diagnósticas na infância e adolescência. *Estudos de psicologia*. 17 (3): 453-460. Doi: 1678-4669.
- Davoglio, T. R., Gauer, G. J. C., Vasconcellos, S. J. L., & Luhring, G. (2011). Medida Interpessoal de Psicopatia (IM-P): estudo preliminar no contexto brasileiro. *Trends Psychiatry Psychother* 33 (3): 147-155.
- Farrington, D. P. (2005). The Importance of Child and Adolescent Psychopathy. *Journal of Abnormal Child Psychology* 33 (4): 489-497. Doi: 10.1007/s10802-005-5729-8.
- Ferreira, F, & Pinho, P. (2009). Psicanálise e teoria da vinculação. *Portal dos psicólogos*.
- Figueiredo, T., & Machado, T. S. (2010). *Representação da vinculação a pais, pares e professores – estudos preliminares do IPPA-R para crianças do ensino básico*. I Seminário Internacional “Contributos da Psicologia em Contextos Educativos”. Braga: Universidade do Minho, Portugal.

- Filho, H., Teixeira, N., & Dias, A. (2012). Psicopatia: uma perspectiva dimensional e não-criminosa do constructo. *Avances en Psicología Latinoamericana*. 30 (2): 317-327.
- Frick, P. J. (2002). Juvenil Psychopathy From a Developmental Perspective: Implications for Construct Development and Use in Forensic Assessments. *Law and Human Behavior*. 26 (2). Doi: 0147-7307/02/0400-0247/1.
- Gomes, C. C., & Almeida, R. M. M. (2010). Psicopatia em Homens e Mulheres. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. 62 (1).
- Hare, R. D., Clark, D., Grann, M., & Thornton, D. (2000). Psychopathy and the Predictive Validity of the PCL-R: Na International Perspective. *Behavioral Sciences and the Law*. 18: 623–645.
- Hart, S. D., Watt, K. A., & Vincent, G. M. (2002). Commentary on Seagrave and Grisso: Impressions of the State of the Art. *Law and Human Behavior*. 26 (2). Doi: 0147-7307/02/0400-0241/1.
- Henriques, R. P. (2009). De H. Cleckley ao DSM-IV-TR: a evolução do conceito de psicopatia rumo à medicalização da delinquência. *Revista latino-americana de Psicopatologia Fundamental*. 12 (2): 285-302.
- Kotler, J. S., & McMahon, R. J. (2005). Child Psychopathy: Theories, Measurement, and Relations with the Development and Persistence of Conduct Problems. *Clinical Child and Family Review* 8 (4). Doi: 10.1007/s10567-005-8810-5.
- Lago, V. M., Amaral, C., Bosa, C. A., & Bandeira, D. R. (2010). Instrumentos que avaliam a relação entre pais e filhos. *Revista brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano*. 20 (2): 330-341.
- Larsson, K., Vidng, E., & Plomin, R. (2008). Callous–unemotional traits and antisocial behavior: genetic, environmental, and early parenting characteristics. *Criminal justice and behavior*. 35 (2): 197-211. Doi: 10.1177/0093854807310225.
- Lobo, C. F. (2007). *A P-Scan de Robert Hare na avaliação da Psicopatia Estudo exploratório numa amostra de reclusos portugueses* (Dissertação de Mestrado). Universidade do Minho: Instituto de Educação e Psicologia.
- Lynam, D. R. (2002). Fledgling Psychopathy: A view From Personality Theory. *Law and Human Behavior* 26 (2). Doi: 0147-7307/02/0400-0255/1.
- Lynam, D. R., & Gudonis, L. (2005). The Development of Psychopathy. *Annu. Rev. Clin. Psychol* 1: 381-407. Doi: 10.1146/annurev.clinpsy.1.102803.144019.
- Machado, T. S. (2009). Vinculação aos pais: retorno às origens. *Psicologia, educação e cultura*. 13 (1): 136-156.

- Marin, A. H., Piccinini, C. A., Gonçalves, T. R., & Tudge, J. R. H. (2012). Práticas Educativas Parentais, Problemas de Comportamento e Competência Social de Crianças em Idade Pré-escolar. *Estudos de Psicologia*. 17 (1): 5-13. Doi: 1678-4669.
- Marques, A. C. T. (2010). *Crenças Parentais Sobre a Punição Física e a Identificação dos Problemas Comportamentais e de Adaptação Psicossocial das Crianças em Idade Pré-escolar* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Coimbra: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise psicológica*. 3 (26): 395-409.
- Monteiro, L., Veríssimo, M., Vaughn, B. E., Santos, A. J., & Fernandes, M. (2008). Análise do fenómeno de base segura em contexto familiar: as relações criança/mãe e criança/pai. *Psicologia*. 22 (1): 105-125.
- Muchata, T. (2011). *Representação da vinculação e problemas de internalização e externalização em crianças de idade escolar em contexto de toxicodependência parental* (Tese de Doutoramento). Braga: Universidade do Minho.
- Nunes, L. M. (2011). Sobre a psicopatia e sua avaliação. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. 63 (2): 1-121.
- Oliveira, E. A., College, M., Marin, A. H., Pires, F. B., Frizzo, G. B., & Ravello, T. (2002). Estilos Parentais Autoritário e Democrático-Recíproco Intergeracionais, Conflito Conjugal e Comportamentos de Externalização e Internalização. *Psicologia: Reflexão e crítica*. 15 (1): 1-11.
- Pacheco, J. T. B., Silveira, L. M. O. B., & Schneider, A. M. A. (2008). Estilos e Práticas Educativas Parentais: Análise da Relação Desses Constructos sob a Perspetiva dos Adolescentes. *Psico*. 39 (1): 66-73.
- Pacheco, A. P., Costa, R. A., & Figueiredo, B. (2003). Estilo de vinculação, qualidade da relação com figuras significativas e da aliança terapêutica e sintomatologia psicopatológica: estudo exploratório com mães adolescentes. *Revista internacional de psicologia clínica y de la salud*. 3 (1): 35-59. Doi: 1576-7329.
- Pestana, Maria Helena. Gajairo, João Nunes. “Análise de Dados para Ciências Sociais. A Complementaridade do SPSS - 5ª Edição”. Edições Sílabo, 2008. – Lisboa.
- Petrila, J., & Skeem, J. L. (2003). An Introduction to the Special Issues on Juvenile Psychopathy and Some Reflections on the Current Debate. *Behavioral Sciences and the Law*. 21 689-693. Doi: 10.1002/bsl.569.

- Ribeiro, J. L. P., & Sousa, M. (2002). Vinculação e comportamentos de saúde: Estudo exploratório de uma escala de avaliação da vinculação em adolescentes. *Análise psicológica*. 1 (20): 67-75.
- Romero, L. L., Romero, E., & Luengo, M. A. (2011). La personalidad psicopática como indicador distintivo de severidade y persistencia en los problemas de conducta infanto-juveniles. *Psicothema*. 23 (4): 660-665. Doi: 0214-9915.
- Ronchetti, R., Davoglio, T. R., Silva, R. S., Vasconcellos, S. J. L., & Gauer, G. J. C. (2010). Inventário de Psicopatia de Hare Versão Jovens (PCL:YV): Estudo Preliminar em Amostra Adolescente Brasileira. *Revista interamericana de Psicologia*. 44 (3): 540-546. Doi: 0034-9690.
- Rutter, M. (2005). Commentary: What is the Meaning and Utility of the Psychopathy Concept? *Journal of Abnormal Child Psychology* 33 (4): 499-503. Doi: 10.1007/s10802-005-5730-2.
- Salekin, R. T., & Frick, P. J. (2005). Psychopathy in Children and Adolescents: The Need for a Developmental Perspective. *Journal of Abnormal Child Psychology* 33 (4): 403-409. Doi: 10.1007/s10802-005-5722-2.
- Salekin, R. T., & Lynam, D. R. (2010). *Handbook of child & adolescent psychopathy*. New York: Guilford press.
- Schmidt, E. B., & Argimon, I. L. (2009). Vinculação da gestante e apego materno fetal. *Paideia*. 19 (43): 211-220.
- Simões, M. (2011). *Psicopatia na adolescência* (Tese de Doutoramento). Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Simões, M., Gonçalves, R. A., & Lopes, J. (2010, Fevereiro). *Adaptação do "Youth Psychopathic Traits Inventory" (YPTI): Estudo preliminar*. Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Universidade do Minho, Portugal.
- Silva, M. G., & Costa, M. E. (2005). Vinculação aos pais e ansiedade em jovens adultos. *Psicologia*. 18 (2): 9-32.
- Silva, S. (2008). *Papel Parental em Perturbações do Comportamento Infantil* (monografia de licenciatura). Portugal: Instituto Superior de Psicologia Aplicada- ISPA.
- Soeiro, C., & Gonçalves, R. A. (2010). O Estado de Arte do Conceito de Psicopatia. *Análise Psicológica* 1 (28): 227-240.
- Souza, T. D. O. (2010). *Psicopatia E suas Influências Familiares: Uma Revisão Bibliográfica* (Monografia). Cararu: Faculdade do Vale do Ipojuca.

- Torres, N., Santos, A. J., & Santos, O. (2008). Qualidade da vinculação ao pai e à mãe e o desenvolvimento da amizade recíproca em crianças de idade pré-escolar. *Análise psicológica*. 3 (26): 435- 445.
- Weber, L. N. D., Prado, P. M., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de Estilos Parentais: o Ponto de Vista dos Pais e dos Filhos. *Psicologia: reflexão e crítica*. 7(3): 323-331.
- Wellausen, R. S., & Bandeira, D. R. (2010). O Tipo de Vinculação entre Pais e Filhos está Associado ao Desenvolvimento de Comportamento Antissocial? *Revista Interamericana de Psicologia* 44 (3): 498-506.

Anexos

Figura 9 –Pressupostos do modelo de regressão para a variável do YPI Total predito a partir dos fatores do IPPA3 Mãe e IPPA3 Pai.

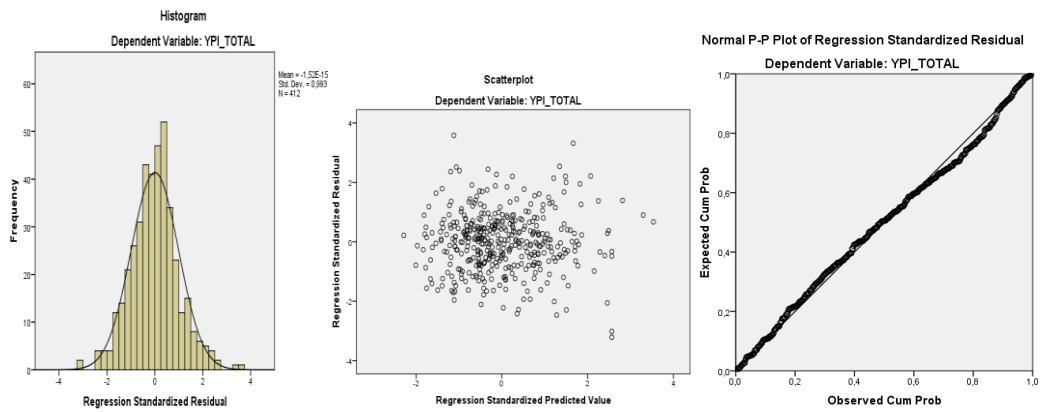


Figura 10 – Pressupostos do modelo de regressão para a Variável do YPI grandioso/manipulativo predito a partir dos fatores do IPPA3 Mãe e IPPA3 Pai.

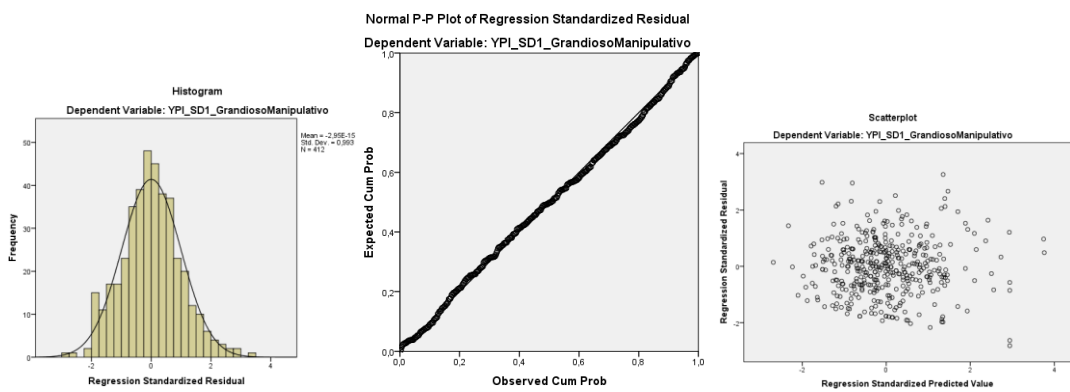


Figura 11- Pressupostos do modelo de regressão para a Variável do YPI frio e não emocional predito a partir dos fatores do IPPA3 Mãe e IPPA3 Pai.

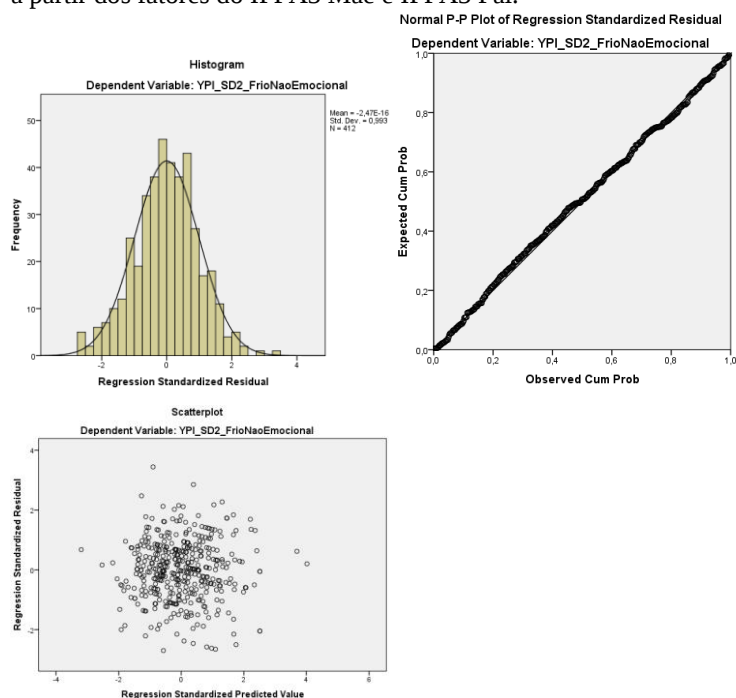


Figura 12 – Pressupostos do modelo de regressão para a Variável do YPI impulsivo e falta de sentido de responsabilidade predito a partir dos fatores do IPPA3 Mãe e IPPA3 Pai.

